

A VIDA
INTELECTUAL
SEU ESPÍRITO. SUAS CONDIÇÕES.
SEUS MÉTODOS

&

A ARTE
E A MORAL

Copyright da edição brasileira © 2020 É Realizações
Títulos originais: *La Vie Intellectuelle – Son Esprit, Ses Conditions, Ses Méthodes* e *L'Art et la Morale*

Editor

Edson Manoel de Oliveira Filho

Produção editorial e projeto gráfico

É Realizações Editora

Preparação de texto

A Vida Intelectual | Jessé de Almeida Primo

A Arte e a Moral | Edna Adorno

Revisão

Frank de Oliveira e Otacilio Palareti

Capa

Daniel Justi

Diagramação

Nine Design Gráfico | Mauricio Nisi Gonçalves

Produção de ebook

S2 Books

ISBN 978-65-86217-00-1

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.

Rua França Pinto, 498 · São Paulo SP · 04016-002

Telefone: (5511) 5572 5363

atendimento@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

- *L'Art et la Morale* (1899);
- *Nos Lutttes* (1903);
- *La Politique Chrétienne* (1904);
- *Agnosticisme ou Anthropomorphisme* (1908);
- *Féminisme et Christianisme* (1908);
- *Saint Thomas d'Aquin* (2 vols., 1910);
- *Paroles Françaises* (1919);
- *La Vie Catholique* (2 vols., 1921);
- *L'Église* (2 vols., 1921);
- *L'Amour Chrétien* (1921);
- *Les Idées et les Jours: Propos de Senex* (2 vols., 1928);
- *L'Orateur Chrétien: Traité de Prédication* (1930);
- *Hommes, Mes Frères* (1941);
- *Le Christianisme et les Philosophies* (2 vols., 1939-1941);
- *Catéchisme des Incroyants* (2 vols., 19??-1942);
- *Blaise Pascal* (1941);
- *Henri Bergson et le Catholicisme* (1941);
- *Avec Henri Bergson* (1941);
- *La Vie Française* (1943);
- *La Philosophie de Claude Bernard* (1944);
- *L'Idée de Création et Ses Retentissements en Philosophie* (1945);
- *Les Fins Humaines* (1946);
- *La Philosophie des Lois* (1946);
- *Le Problème du Mal* (2 vols., 1948);
- *Le Pensionnat Godefroy-de-Bouillon de Clermont-Ferrand, 1849-1945* (1948-1949);
- *La Philosophie Morale de Saint Thomas D'Aquin* (1962);
- *De la Mort, Pensées Inédites de A.-D. Sertillanges* (1963);
- *La Vie Intellectuelle, Son Esprit, Ses Conditions, Ses Méthodes* (1965);
- *Regards sur le Monde* (1965);
- *L'Univers et l'Âme* (1965).

UM BREVE RESUMO DE A VIDA INTELECTUAL

Segundo Sertillanges, quando o intelectual pensa corretamente, segue a Deus mesmo. Por isso é que escutar-se a si mesmo implica a mesma

dificuldade que escutar a Deus. Daí a necessidade, para o trabalho intelectual, do silêncio da alma e da exclusão ou superação de nossas paixões desordenadas, de pensamentos tolos e das más distrações do mundo. Só assim podemos submeter-nos ao veredicto da verdade.

Estamos no prólogo de Sertillanges, o qual nos informa que o fundamento de seu livro é a célebre carta de Santo Tomás de Aquino *De Modo Studendi* (Do Modo de Estudar), dirigida a um pupilo monástico seu, na qual lhe dá os seguintes e concisos conselhos para a vida de estudos: [\[02\]](#)

“Já que me pediste, Frei João – irmão para mim, caríssimo em Cristo –, que te indicasse o modo de proceder para ir adquirindo o tesouro do conhecimento, devo dar-te a seguinte indicação: deves optar pelos riachos e não por entrar de imediato no mar, porque o difícil deve ser alcançado começando do fácil. E eis, portanto, o que te aconselho quanto a como deve ser tua vida:

1. Exorto-te a ser tardo para falar e lento para ir ao locutório.
2. Abraça a pureza de consciência.
3. Não deixes de aplicar-te à oração.
4. Ama frequentar tua cela, se queres ser conduzido à adega do vinho da sabedoria.
5. Mostra-te amável para com todos, ou pelo menos esforça-te nesse sentido; com ninguém, todavia, permitas excesso de familiaridade, pois a excessiva familiaridade produz desprezo e suscita ocasiões de atraso no estudo.
6. Não te metas em questões e em ditos mundanos.
7. Evita sobretudo a dispersão intelectual.
8. Não descuides do seguimento do exemplo dos homens santos e honrados.
9. Não atentes a quem disse, mas ao que é dito com razão, e isto confia-o à memória.
10. Faz por entender o que lês e por certificar-te do que seja duvidoso.
11. Esforça-te por abastecer o depósito de tua mente, como quem anseia encher o mais possível um cântaro.
12. Não busques o que está acima de teu alcance.

13. Segue as pegadas do São Domingos, que, enquanto teve vida, produziu folhas, flores e frutos na vinha do Senhor dos exércitos.

Se seguires estes conselhos, poderás alcançar o que queres.

Adeus.”

No **capítulo 1** – “A vocação intelectual” –, põe Sertillanges que o intelectual é um consagrado que, para sustentar sua vocação, deve ser um como atleta da mente – porque a verdade não serve senão a seus escravos.

No **capítulo 2** – “As virtudes de um intelectual cristão” –, o nosso autor assinala que não basta ao intelectual católico a inteligência, senão que ele necessita estar em harmonia com os princípios morais. Afinal, a vida é uma unidade. Ademais, não pensamos apenas com a inteligência, razão por que devemos cuidar diligentemente do corpo e de sua disciplina. Mas, naturalmente, a virtude própria do intelectual é a estudiosidade, ou seja, o justo meio entre os dois vícios opostos da negligência e da vã curiosidade. Nada disso porém se consegue sem uma vida e um espírito de oração, porque, ao fim e ao cabo, todo estudo é um estudo da eternidade.

No **capítulo 3** – “A organização da vida” –, mostra-se a necessidade de simplificar a vida material, porque a vida mundana é sempre fatal para o estudo. Com efeito, a ostentação e a dissipação da mente são inimigos ferozes e tenazes do pensamento. Daí que nos seja tão importante a solidão: ainda quando casado e pai de filhos, precisa o intelectual de preciosos momentos de retiro e de silêncio. Nada disso, obviamente, nega que deva cumprir diligentemente seus deveres de estado, que deva cooperar com seus semelhantes, que deva cultivar os contatos necessários, que deva conservar a dose também necessária de ação. Ou isso, ou, à força de cultivar exclusivamente o silêncio, acabará por mergulhar num silêncio de morte.

No **capítulo 4** – “O tempo do trabalho” –, Sertillanges insiste em que o trabalho intelectual deve ser permanente e fundar-se num aprendizado preciso: o do ver e do escutar, não só aos iguais, mas até às pessoas mais simples. Não obstante, tal trabalho permanente há de ter limites, para esquivar a exaustão; e deve evitar-se especialmente o trabalho noturno: o intelectual deve beneficiar-se da “lucidez matutina”. ^[03] É necessário, ademais, anotar sempre, porque nossas ideias têm muito de fugaz e necessitam, para sua sobrevivência, que as gravemos no mármore. Quanto porém ao trabalho intelectual em si mesmo,

insiste o nosso autor na necessidade do estudo e do desprezo das ninharias, para que possamos encontrar-nos, no trabalho, em estado de plenitude: relembre-se, em estado da eternidade.

No capítulo 5 – “O campo do trabalho” –, assinala Sertillanges a universalidade do conhecimento. Nenhum campo do saber sobrevive por si mesmo, e as diversas ciências não são senão recortes do conhecimento pleno do real. Por isso, nenhum campo particular do conhecimento é autossuficiente e depende em primeiro lugar da rainha do conhecimento natural, a filosofia, e em segundo lugar da rainha do conhecimento que parte da revelação, a teologia – que devemos estudar sobretudo na *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino. É que a ordem do espírito deve corresponder à ordem das coisas. E, com efeito, se existe um Ser primeiro e uma Causa primeira, é nela que se completa ultimamente o saber. [04]

No capítulo 6 – “O espírito do trabalho” –, trata-se do ardor e do heroísmo da investigação, da capacidade de concentração e da permanente submissão à verdade – o que supõe uma mente de todo humilde. Não alcançamos, porém, submeter-nos perfeitamente à verdade sem um perfeito senso do mistério e da perplexidade: os que pensam que entendem tudo não fazem senão mostrar por isso mesmo que não apreenderam nada. A luz que projeta as figuras na caverna incita-nos a que nos libertemos das correntes e vejamos o sol em sua plenitude. Mas o mesmo mistério é essa luz.

No capítulo 7 – “A preparação do trabalho” –, o nosso autor recomenda que não se leia muito, ou, mais precisamente, que se leia com inteligência, com ordem, com reflexão e com concentração, e não com paixão. Com efeito, o leitor apaixonado sobrecarrega os olhos e a mente. Para não sermos leitores apaixonados, convém-nos não só escolher bem os livros que ler, mas escolher nesses mesmos livros. Ademais, no início da carreira intelectual somos todos alunos, razão por que devemos crer sempre em nosso mestre, até que possamos trilhar o caminho por nós mesmos e, se for o caso, divergir do mesmo mestre. Mas, sem dúvida, o contato e o convívio com os gênios são graças e privilégios que Deus concede aos pensadores humildes. – Não nos esqueçamos nunca, além disso, que sempre devemos (como Santo Tomás) tentar conciliar em vez de acentuar as oposições entre os diversos autores. É fútil insistir em diferenças quando tão frutífero é o encontro de pontos de

contato. – Mas todo o nosso esforço será vão se não prepararmos e organizarmos a memória, a começar por saber que coisas merecem ser retidas, em que ordem devem ser retidas e como podem ser retidas. É que, com efeito, nossas obras não resultam senão da soma das leituras, da memória e das já referidas anotações, que também devemos aprender a classificar de modo que nos sejam efetivamente úteis.

No capítulo 8 – “O trabalho criador” –, trata-se do próprio ato de escrever, ou seja, do momento de produzir resultados. É então que devemos ser originais sem buscar a originalidade, porque o artificialismo é uma ofensa à verdade. Devemos ser parcimoniosos, objetivos e retos, tendo sempre em mente que a substância ou conteúdo é superior à forma ou figura de que se reveste. Mas não o conseguiremos se não nos desapegarmos do mundo e de nós mesmos, ou seja, do desejo de sucesso e do amor-próprio. Devemos servir à verdade, não usá-la. Suposto isso, alcançaremos a constância, a paciência, a perseverança requeridas para que levemos a termo o trabalho de modo o mais perfeito possível.

Por fim, no capítulo 9 – “O trabalhador e o homem” –, mostra-se-nos ainda a necessidade de que mantenhamos contato permanente com a vida como um todo, razão por que devemos saber relaxar sem deixar, todavia, de aceitar nossas provações. A salvação só vem pela cruz. Saboreemos, pois, as pequenas alegrias do trabalho e de seus resultados, mas busquemos antes de tudo a santidade da mente. Seguindo esta via, diz Santo Tomás a seu discípulo, produziremos “folhas, flores e frutos na vinha do Senhor dos exércitos”.

UMA MODESTA CONTRIBUIÇÃO A ESTA OBRA DE SERTILLANGES

A ordem das disciplinas requer que vamos do mais claro e mais notório ao menos claro e menos notório, e do que é princípio e causa ao que é consequência e efeito. Como todavia nossa inteligência é demasiado imperfeita, podemos considerar a ordem das disciplinas de dois modos: ou segundo a própria natureza delas, ou com relação a nós. Daí que, considerando as ciências em si mesmas, haveria que estudar primeiro a Metafísica, depois a Física, depois a Lógica e por último a Gramática. E isso é assim porque, segundo a ordem de natureza, primeiro devemos conhecer as coisas tais quais são em si mesmas (o que é o sujeito da Metafísica), depois as coisas do mundo

sensível (ou seja, os entes móveis, sujeito da Física Geral), depois a ordem que a inteligência deve adquirir para adequar-se às coisas (o sujeito da Lógica), e finalmente a arte com que devemos significá-las pelas palavras (a Gramática).

Considerando no entanto essas disciplinas com relação a nós, cujo conhecimento discursivo deve ir do mais fácil e mais manifesto *quoad nos* (quanto a nós), havemos de aprender primeiro a Gramática, depois a Lógica, depois a Física e por fim a Metafísica. Mas isto não suprime aquilo, razão por que não podemos ter perfeito conhecimento da Gramática sem dominar a Lógica, nem podemos ter perfeito conhecimento da Lógica e da Física sem conhecer suficientemente a Metafísica. Por conseguinte, a ordem das disciplinas *quoad nos* supõe um aprendizado imperfeito das primeiras ciências e requer, depois de termos alcançado a Metafísica, que voltemos àquelas para enfim conhecê-las melhor ou perfeitamente. O bom método supõe, assim, um estudo circular, ou antes, helicoidal. Mas tal circulação jamais termina, porque a Metafísica – de que todas as demais ciências alcançáveis pela luz da razão são, em verdade, partes potenciais – não é ciência humana: é ciência divina, e não a conseguiremos dominar perfeitamente senão com a visão beatífica (se nos salvarmos).

Ademais, algumas das disciplinas são subordinadas ou subalternadas a outras, assim como a ciência da espécie se subalterna à ciência do gênero, ou como a Música se subalterna à Matemática, ou como a Gramática se subalterna à Lógica, razão por que o músico perfeito é o músico-matemático e o gramático perfeito é o gramático-lógico.

E qual será o mestre perfeitíssimo? Aquele que, tendo já galgado todos os degraus da escada da sabedoria e tendo alcançado a Metafísica, já pôde também descer a escada e compreender mais perfeitamente os degraus sucessivamente inferiores – e por isso é capaz de levar pela mão os discípulos escada da sabedoria acima, voltando sempre um degrau abaixo para fazê-los enfim compreender melhor a ciência inferior.

Pois bem, darei aqui o quadro da ordem das disciplinas *quoad nos* e pois sua ordem pedagógica, evitando o mais possível complexas explicações que não teriam lugar numa apresentação como esta. [05]

- A Gramática (ou seja, a arte da escrita), que como dito é subalternada à Lógica.

- A genérica **Ciência da Arte do Belo** (*ciência prática*).
- **As Artes do Belo** (*ou seja, as artes que fazem propender ao bem e à verdade*): a Literatura, o Teatro, o Cinema, a Música, a Dança, a Pintura, a Escultura, por vezes a Arquitetura. Assinale-se porém que todas elas são subalternadas não só à Ciência da Arte do Belo, mas também à Lógica e às Ciências Naturais (e a Música, a Pintura, a Escultura e a Arquitetura ainda às Matemáticas), ou seja, a disciplinas posteriores.
- A **Retórica** (*ou seja, a arte de fazer suspeitar a verdade*).
- A **Dialética** (*ou seja, a arte de alcançar a opinião mais provável*).
- A **Sofística** (*ou seja, a arte de evitar as falácias*).

Observação: as Artes do Belo, a Retórica, a Dialética e a Sofística são partes potenciais da Lógica. Até pouco tempo atrás segui o parecer que o padre Álvaro Calderón expressa em seus *Umbrales de la Filosofía*, a saber, que as partes potenciais da Lógica devem ser aprendidas e ensinadas depois desta. Hoje, por razões que explico em outros lugares, adoto a ordem exposta aqui.

- A **Lógica** (*ou seja, a ciência-arte propedêutica a todas as demais ciências e a todas as demais artes*). São partes integrais suas:
 - a. o Tratado dos Predicáveis;
 - b. as Categorias ou Predicamentos;
 - c. os Análogos e os Análogos Supremos (os Transcendentais);
 - d. O Tratado da Proposição;
 - e. O Tratado da Figura do Silogismo;
 - f. O Tratado da Demonstração.
- **As Ciências Práticas do Agere**:
 - a. a **Ética** (*ou seja, a ciência do autogoverno*);
 - b. a **Econômica** (*ou seja, a ciência do governo doméstico e de seu desdobramento na pólis*);
 - c. A **Política** (*ou seja, a ciência do governo da pólis*).

Observação 1: a Prudência *docens* ou Ética é verdadeira ciência (prática), mas não é arte de modo algum, enquanto a Prudência *utens* ou Prudência propriamente dita não é ciência de modo algum, mas se diz arte em sentido amplo.

Observação 2: a arte do Direito subordina-se às Ciências Práticas do Agere.

Observação 3: a História supõe uma complexa discussão que exporei num futuro livro meu: *Da História e Sua Ordem a Deus*. Diga-se por ora, todavia, que em primeira instância a História é disciplina auxiliar da Política.

Observação 4: todas as Ciências Práticas do *Agere* não se compreendem de maneira mais perfeita senão retroativamente, ou seja, após o estudo da Psicologia.

- A Física Geral (ou seja, a ciência genérica do ente móvel). Vêm em seguida as ciências que são como partes subjetivas da Física Geral:

- a. a Cosmologia ou Física Especial (ou seja, a ciência física do ente segundo o lugar);
- b. a Química (ou seja, a ciência física do ente segundo a geração e a corrupção);
- c. a Biologia (ou seja, a ciência física do ente segundo o aumento e a diminuição);
- d. a Psicologia (ou seja, a ciência física do ente segundo alteração).

- As Matemáticas (ou seja, as ciências do *ens quantum*).

- Por fim a Metafísica, ou Filosofia Primeira, ou Teologia Filosófica (ou seja, a ciência do ente como ente).

Mas não de perguntar-se os leitores desta apresentação: e a Teologia Sagrada ou Sacra Teologia (ou seja, a ciência de Deus como Deus ou sob a razão de Deus)? Há que dizer que esta teologia é a única das ciências que é perfeitamente especulativa e prática, mas cujos princípios não se alcançam pelas luzes da razão: são-nos dados por revelação divina. Por isso mesmo, no entanto, seus princípios não o podem ser de nenhuma ciência subalternada, conquanto com respeito a todas as demais ciências a Teologia Sagrada imponha balizas, limites e remates. [06] É a última das ciências na ordem do aprendizado e do ensino.

E despeço-me dos leitores imitando Sertillanges, que por sua vez imita Santo Tomás, ou seja, dizendo-lhes: Adeus.

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

Será este o momento certo para reeditar um escrito assim? Quando o universo está em chamas, será oportuno jogar sobre as brasas umas folhas de papel para serem queimadas, em vez de formarmos uma fila e bombearmos água do poço?

Ah! de qualquer forma, a sensação que se tem é de esmagadora impotência. Mas, se o presente só traz tormento e desconcerto, não deveríamos através de tudo preocupar-nos com o porvir?

O porvir cabe a Deus e a nós, mas em dada ordem. Não cabe antes de tudo à força, e sim ao pensamento. Após uma medonha devastação, será preciso reconstruir. Todos os elementos da civilização devem ser retomados. Arquitetos aventureiros virão com projetos. Já alguns se alardeiam. Poderão nossos mestres de obra chegar a um acordo condizente com a amplidão, com a harmonia e com a solidez que seria de esperar? Queira Deus! Em todo caso, haverá muito trabalho para a reflexão. Há futuro para o conhecimento por todos os aspectos que ele possa assumir em nossas complexas civilizações, quer antigas, quer renascentes. O pensamento católico não terá o direito de cruzar os braços, e tampouco o terão outros. Para todos os homens de boa vontade a lide vai ser imensa. Convicto de ser detentor da verdade essencial a ele confiada por Cristo, o católico tem mais responsabilidade que qualquer outro e, para estar à altura de assumi-la, tem de estar de posse de todos os seus meios, conferir seus métodos e preparar seu coração pela meditação tanto de suas possibilidades como de suas obrigações.

Este livro não tem outro objetivo que o de ajudá-lo nisto. Como em épocas mais calmas e no entanto necessitadas, o leitor saberá avivá-lo com uma chama nova que jorrará de sua própria consciência. Por si só, um texto não é nada, assim como uma viagem por si só tampouco é nada. Faz-se necessária

uma alma para concatenar entre si os méritos desta e as frases daquele, fazendo jorrar do contato essa luz misteriosa que se chama verdade ou que tem por nome beleza.

O efeito de um livro depende de cada um de nós. *O último estado definitivamente não é o impresso que sai do editor*, mas o verbo mental que o próprio leitor elabora. Ante o chamado dos acontecimentos e em meio à aflição atual, e mais que nunca no dia seguinte a uma paz adquirida a tão alto preço e que recobrirá tantos destroços, confiamos em que as considerações aqui expostas no tocante à vida intelectual encontrem em nossos moços uma compreensão renovada e uma eficácia superior.

Aí está por que reeditamos este trabalho. Sabemos que ele tem de difundir-se em outros lugares, bem longe daquele onde veio ao mundo, e é para nós uma alegria pensar que, devendo amanhã a necessidade tornar-se universal como hoje o é o caos, nosso humilde esforço poderá unir-se ao dos melhores numa atmosfera comum renovada e nos dois mundos.

A-D. Sertillanges, O.P.

Membro do Instituto

1944

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

A pequena obra hoje reeditada foi reimpressa já muitas vezes. Ela data de 1920. Eu não a havia relido. Eu me perguntava, ao abordá-la com um novo olhar e uma experiência quinze anos mais velha, se nela reconheceria meu pensamento. Encontro-a integralmente, salvo certos matizes que não deixarei de levar em consideração na revisão que ora assumo. A razão disso é que estas páginas, na verdade, não têm data. Elas saíram de meu âmago. Já as trazia em mim havia um quarto de século quando eclodiram. Escrevi-as do modo como expressamos nossas convicções essenciais e como abrimos o coração.

O que me dá a confiança de que elas tiveram alcance é com toda a certeza sua repercussão de amplas proporções; mas é sobretudo o testemunho de cartas inumeráveis agradecendo-me, umas pela ajuda técnica que eu levava até os obreiros do espírito, outras pelo calor que me diziam ter-se transmitido a ânimos jovens ou viris, a maioria por aquilo que parecia ao leitor a revelação entre todas a mais preciosa: a do clima espiritual próprio à eclosão do pensador, à sua elevação, ao seu progresso, à sua inspiração, à sua obra.

Aí está aí efetivamente o principal. O espírito a tudo rege. É ele o que inicia, executa, persevera e conclui. Como preside a cada aquisição, a cada criação, ele dirige o trabalho mais secreto e mais exigente que opera em si o trabalhador por toda a sua carreira.

Não cansarei, assim espero, o leitor ao insistir uma vez mais nesse todo da vocação de pensador ou de orador, de escritor e de apóstolo. É verdadeiramente a questão prévia; é depois a questão de fundo, e é conseqüentemente o segredo do sucesso.

Querem vocês compor uma obra intelectual? Comecem por criar em seu interior uma zona de silêncio, um hábito de recolhimento, uma vontade de despojamento, de desapego que os deixem inteiramente disponíveis para a

obra; adquiram esta disposição das faculdades mentais isenta do peso de desejos e de vontade própria que é o estado de graça do intelectual. Sem isso, não farão nada, ou ao menos nada que valha.

O intelectual não é filho de si mesmo; é filho da Ideia, da Verdade eterna, do Verbo criador e animador imanente à sua criação. Quando pensa corretamente, o pensador segue a Deus à risca; não segue sua própria quimera. Quando tateia e se debate no esforço da busca, ele é Jacó lutando com o anjo e “forte contra Deus”.

Não é natural, nessas condições, que o homem que recebeu o chamado repudie e esqueça deliberadamente o homem profano? Que deste ele rejeite tudo: sua leviandade, sua inconsciência, seu desleixo no trabalho, suas ambições terrenas, seus desejos orgulhosos ou sensuais, a inconsistência de seu querer ou a impaciência desordenada de seus desejos, suas complacências e suas antipatias, seus humores acrimoniosos ou seu conformismo, toda a inumerável rede de *impedimenta* que obstruem o caminho do verdadeiro e impossibilitam sua conquista?

O temor a Deus é o começo da sabedoria, diz a Escritura. Esse temor filial não é, no fundo, senão o medo de si. No campo intelectual, podemos chamá-lo atenção liberta de todas as preocupações inferiores e de fidelidade perpetuamente apreensiva ante a possibilidade de decair. Um intelectual deve estar sempre de prontidão para pensar, isto é, para receber uma parte da verdade que o mundo carrega em seu curso e que lhe foi preparada, para tal ou qual curva desse curso, pela Providência. O Espírito passa e não volta. Feliz de quem está pronto para não perder, para antes até provocar e aproveitar o milagroso encontro!

Toda obra intelectual começa pelo êxtase; só depois se exerce o talento do arranjador, a técnica dos encadeamentos, das relações, da construção. Ora, o que é o êxtase, senão um elevar-se para longe de si mesmo, um esquecimento de viver, de si próprio, para que se viva no pensamento e no coração o objeto de nossa embriaguez?

A memória mesma participa desse dom. Há uma memória baixa, memória de papagaio e não de inventor: esta memória causa obstrução, fechando as vias do pensamento em proveito de palavras e fórmulas cerradas. Mas há uma memória que se abre em todos os sentidos e em estado de perpétua

descoberta. Em seu conteúdo não há nada que já venha “pronto”; suas aquisições são sementes de futuro; seus oráculos são promessas. Ora, tal memória é, também ela, *extática*; funciona pelo contato com as fontes de inspiração; ela de modo algum se compraz de si mesma; o que ela encerra é novamente intuição, com o nome de lembrança, e o eu de quem ela é hóspede entrega-se por seu intermédio à exaltante Verdade tanto quanto na busca.

O que é verdadeiro para as aquisições e as consecuições era já verdadeiro para o chamado no início do percurso. Depois das hesitações da adolescência, tão amiúde, angustiada e perplexa, foi preciso chegar à descoberta de si, à percepção desse impulso secreto que persegue, em nós, não sei que resultado longínquo, ignorado pela consciência. Crê-se que isso seja simples? “À escuta de si mesmo” é outra fórmula para esta expressão: À escuta de Deus. É no pensamento criador que jaz nosso ser verdadeiro e nosso eu de forma autêntica. Ora, essa verdade de nossa eternidade, que domina nosso presente e prevê nosso futuro, é-nos revelada tão somente no silêncio da alma, silêncio dos vãos pensamentos que levam ao “divertimento” pueril e dissipador; silêncio dos barulhos de chamada que as paixões desordenadas não se cansam de fazer-nos ouvir.

A *vocação* pede o *atendimento*, que, num esforço único para sair de si, escuta e atende.

O mesmo se dará por ocasião da escolha dos meios para ter êxito, da estruturação de seu modo de vida, de seus relacionamentos, da organização de seu tempo, da partilha entre a contemplação e a ação, entre a cultura geral e a especialização, entre o trabalho e os descansos, entre as concessões necessárias e as intransigências ferozes, entre a concentração que fortalece e as expansões que enriquecem, entre o retrair-se e o relacionar-se com gênios, pessoas com quem se tem afinidade de ideias, com a natureza ou a vida social, etc., etc. Tudo isso não é avaliado com sabedoria senão em êxtase também, perto do eternamente verdadeiro, longe do eu que cobiça e é tomado de paixão.

E, ao final, a oferta dos resultados e sua medida decidida no alto exigirão a mesma virtude de acolhida, a mesma postura desinteressada, a mesma paz em uma Vontade que não seja a nossa. Chega-se ao que se *pode*, e nosso poder tem necessidade de julgar-se, para não subestimar-se por um lado, ou,

inversamente, para não transbordar de presunção e vã jactância. De onde vem esse julgamento, senão de um olhar fiel à verdade impessoal e da submissão a seu veredicto, mesmo que isso nos custe um esforço ou uma decepção secreta?

Os grandes homens parecem-nos ter grande audácia; no fundo, são mais obedientes que os outros. A voz soberana alerta-os. É porque um instinto provindo dela os aciona que eles tomam, com coragem sempre e às vezes com grande humildade, o lugar que a posteridade lhes conferirá depois, ousando atitudes e arriscando inovações, muito amiúde contrárias a seu meio, em meio mesmo a sarcasmos. Eles não têm medo porque, por mais isolados que pareçam, não se sentem sozinhos. A seu favor está o que tudo decide no final. Eles pressentem seu futuro império.

Nós temos, sem dúvida, de conceber uma humildade de natureza de todo diversa, mas devemos inspirar-nos nas próprias alturas. É a altitude que mede a pequenez. Quem não possui o sentido das grandezas se deixa exaltar ou abater facilmente, quando não as duas coisas ao mesmo tempo. É para não pensar no escaravelho gigante que a formiga acha o ácaro demasiadamente pequeno, e é para não sentir o vento dos cumes que o caminhante se demora languidamente nas encostas. Sempre conscientes da imensidão da verdade e da exiguidade de nossos recursos, jamais empreenderemos o que está além de nosso alcance, e iremos até ao fim do nosso poder. Seremos felizes, então, com o que nos tiver sido oferecido à nossa medida.

Não se trata aqui de pura mensuração. O motivo da observação é o fato de que o trabalho insuficiente ou pretensioso é sempre um mau trabalho. Uma vida empurrada muito para o alto ou deixada muito embaixo é uma vida que se desorienta. Uma árvore pode ter uma ramagem e uma floração medíocres ou magníficas: ela não as chama e não as constrange; sua alma vegetal desabrocha pela ação da natureza geral e das influências do ambiente. Nossa própria natureza geral é o pensamento eterno, vamos haurir nele com forças emanadas dele e com os concursos que ele nos prepara: deve haver concordância entre o que recebemos como dons – incluindo a coragem – e o que podemos esperar como resultados.

O que não haveria para dizer sobre essa disposição fundamental ante um destino inteiramente dedicado à vida pensante! Mencionei as resistências e as incompreensões que agem contra os grandes; mas elas atingem também os

pequenos: como resistir a elas sem um puro apego ao verdadeiro e sem autoesquecimento? Quando não procuramos agradar ao mundo, ele se vingará; se por acaso conseguimos agradar-lhe, ele ainda assim se vingará corrompendo-nos. A única saída é trabalharmos longe dele, tão indiferentes a seu julgamento quanto prontificando-nos a ser-lhe úteis. O bom é, talvez, que ele nos repele e nos obriga assim a retirar-nos ao nosso próprio interior, *a crescer por dentro*, a controlar-nos, a aprofundar-nos. Esses benefícios são proporcionais ao nosso desinteresse superior, isto é, de nosso interesse pelo unicamente necessário.

Estaríamos nós mesmos sujeitos, com respeito a outrem, às tentações da difamação, da inveja, das críticas sem fundamento, das disputas? Teríamos então de lembrar-nos de que inclinações como essas, ao perturbar o espírito, são nocivas à verdade eterna e são incompatíveis com seu culto.

É preciso observar a esse respeito que a difamação, até determinado nível, é mais aparente que real e tem algum valor para a formação da opinião geral. Nós nos enganamos com frequência quanto ao modo como os mestres falam uns dos outros. Eles *se esgotam*; mas bem sabem, mutuamente, o que valem, e esgotam os outros quando não pensam neles.

Seja como for, o progresso comum tem necessidade de paz e de ação conjunta e sofre grande atraso por causa de *estreitezas*. Diante da superioridade de outrem, só resta uma atitude honrosa: amá-la, e ela se torna assim nossa própria alegria, nossa própria fortuna.

Podará tentar-nos uma fortuna diferente: a que permite um êxito exterior, a bem dizer hoje em dia muito raro, quando se trata de verdadeiro intelectual. O público, de modo geral, é vulgar e não gosta senão da vulgaridade. Os editores de Edgar Poe diziam-se obrigados a pagar-lhe menos que a outros porque ele escrevia melhor que os outros. Conheci um pintor a quem um *marchand* dizia: "Seria bom tomar umas aulas" – ?... – "Sim, para aprender a não pintar tão bem". O homem devotado ao perfeito não entende essa linguagem; ele não aceita por preço algum, de forma alguma, ser um seguidor do que Baudelaire chamava zoocracia. Mas e se esse devotamento esmorecesse?...

Mesmo não dando importância aos juízos de terceiros, não estamos nós à mercê, quando a sós, dos tolos julgamentos da vaidade e da puerilidade instintiva? "Nunca cales, nunca escondas de ti o que se pode pensar contra teu

próprio pensamento”, escreve Nietzsche. Já não se trata, então, dos incompetentes e dos curiosos, e sim de nosso próprio testemunho em estado vigilante e íntegro. Quantas vezes não gostaríamos de desconversar, de alcançar a autossatisfação ainda que enganosa, de dar-nos a preferência ainda que indevidamente! A severidade para consigo, tão propícia à retidão dos pensamentos e à preservação desses contra os mil riscos da busca, é um ato de heroísmo. Como declarar-se culpado e amar sua condenação sem o amor *desvairado daquilo que julga?*

Isso se corrige, é verdade, por um apego intransigente a nossas persuasões profundas, às intangíveis intuições que se encontram na base de nosso esforço e até de nossa crítica. Não construímos sobre o nada, e os retoques do artesão não afetam os primeiros alicerces. O que está assimilado e averiguado deve ser resguardado de retratações infundadas e de escrúpulos. É o mesmo amor pela verdade o que o quer; é o mesmo desinteresse o que se interessa, em nós, por aquilo que nos supera e que nem por isso deixou de vir alojar-se em nossa consciência. Apreciações como essas são delicadas; são, porém, necessárias. Em hipótese alguma as elevadas certezas sobre as quais se assenta todo o trabalho da inteligência devem ser abaladas.

Há até ocasião de defender-se, em nome desse mesmo apego, deste *melhor* a que se chamou a justo título inimigo do bem. Pode ocorrer, ao ampliar-se o campo de sua pesquisa, que ela se enfraqueça, e pode ocorrer, ao aprofundar-se nela para além de determinados limites, que o espírito fique perturbado e não consiga alcançar nada além de perplexidade. A estrela que se fita de modo demasiado ardente e contínuo pode, em razão disso mesmo, pôr-se a piscar cada vez mais e acabar desaparecendo do céu.

Não decorre daí que devemos evitar aprofundar-nos, ou desprezar essa vasta cultura que é uma condição para o aprofundamento em qualquer domínio; mas assinala-se o excesso, e faz-se observar que o puro apego ao verdadeiro, sem paixão pessoal, sem frenesi, é sua especificidade.

Há ainda outra defesa contra a precipitação nos julgamentos e na elaboração das obras. Ninguém se deixa ofuscar, quando ama a verdade, por uma ideia brilhante à qual se deram por auréola meras banalidades. Não é assim que uma obra adquire seu valor. Acontece ao mais medíocre dos homens encontrar uma ideia, como a um diamante bruto ou a uma pérola. O difícil é

lapidar essa ideia e sobretudo engastá-la na joia da verdade que será a verdadeira criação.

“Entre os leitores precipitados de uma obra”, diz o Sr. Ramon Fernandez numa divertida fórmula, “eu incluiria facilmente o autor dessa obra.” Muito bem! Mas de onde provém essa pressa negligente que absolve de antemão um leitor menos interessado e menos responsável? Ela será evitada por uma consagração mais profunda à só e única verdade.

Abster-nos-emos, ademais, de lançar-nos sobre um tema específico que gostaríamos de desenvolver sem ter explorado seus antecedentes gerais e seus vínculos. Ser múltiplo por longo tempo é a condição para ser uno sem perder a riqueza. A unidade do ponto de partida não é senão um vazio. Isso se sente quando a elevada e misteriosa verdade tem nosso culto. Se não utilizarmos então tudo quanto aprendemos, restará no que dissermos uma ressonância secreta, e a confiança recompensa essa plenitude. É um grande segredo saber fazer que uma ideia se irradie graças a seu fundo feito de noite crepuscular. Outro segredo é fazer-lhe conservar, apesar desse fulgor, sua força de convergência.

O fracasso ameaça-nos, ou é de fato experimentado? É hora de nos refugiarmos no culto imutável, incondicionado, que havia inspirado o esforço. *“Meu cérebro transformou-se num retiro para mim”, escreve Charles Bonnet.* Acima do cérebro está aquilo a que ele se consagra, e o retiro, então, é de uma segurança toda especial. Mesmo à custa de muita dor, a criação é uma alegria e, mais que a criação, a veneração da ideia de onde ela procede.

De mais a mais, como observava Foch, *“é com resíduos que se ganham as batalhas”.* Um fracasso em dada coisa é o que prepara para uma vitória em outra, para uma vitória, em suma, como se assegura a quem quer que mereça e se esforce.

Quero assinalar um último efeito da alta submissão cujo elogio acabo de traçar. Ela limita nossas pretensões não apenas pessoais mas também humanas. A razão não pode tudo. Sua última ação, segundo Pascal, consiste em constatar seus limites. Ela só o faz se se entregou à sua primeira lei, que não é sua verdade própria, encarada como propriedade ou como conquista, mas a Verdade impessoal e eterna.

Aqui, já nenhum limite à honra, pelo próprio fato de se haver renunciado à fatuidade. O mistério compensa. A fé substituída pela busca leva o espírito a vastidões que ele jamais teria conhecido por si mesmo, e a luminosidade de seu próprio plano só tem a ganhar com o fato de que astros longínquos o obriguem a voltar os olhos para o céu. A razão tem por ambição apenas um mundo; a fé dá-lhe a imensidão.

Não quero prolongar mais este discurso. Necessariamente se vai voltar a encontrá-lo, porque tem por objeto assinalar onde está o todo.

Desse todo defendi-lhe os direitos com uma insuficiência de que tenho plena consciência e pela qual peço desculpas. Faço votos de que minhas sugestões no que toca a ele, por insuficientes que sejam, contribuam para trazer-lhe melhores panegiristas e mais ardentes servidores.

A-D. Sertillanges

Dezembro de 1934

PRÓLOGO

Encontra-se entre as obras de Santo Tomás uma carta a certo frei João em que se enumeram *Dezesseis Preceitos para Adquirir o Tesouro da Ciência*. Esta carta, seja autêntica ou não, requer seja examinada em si mesma; ela não tem preço; gostar-se-ia de deixar gravados todos os seus termos no íntimo do pensador cristão. Acabamos de publicá-la mais uma vez em seguida às *Orações* do mesmo Doutor, em que se condensa seu pensamento religioso e transparece sua alma.

[07]

Tivemos a ideia de comentar os *Dezesseis Preceitos* a fim de ajuntar-lhes o que pode ser útil recordar aos estudiosos modernos. Na prática, esse procedimento nos pareceu um tanto limitado; preferimos agir mais livremente; mas a substância deste pequeno volume nem por isso deixa de ser totalmente tomista; nele se encontrará o que nos *Dezesseis Preceitos*, ou em algum outro escrito, o mestre sugere em relação à conduta do espírito.

Este pequeno livro não tem a pretensão de substituir as fontes; ele por um lado se refere a elas. O autor não esqueceu, não mais que muitos outros sem dúvida, a emoção de seus vinte anos, quando o padre Gratry estimulava nele o ardor do saber.

Numa época que tanto necessita de luz, recordemos amiúde as condições que permitem obter a luz e preparar sua difusão por obras.

Não se tratará aqui da produção em si mesma: isso seria o objeto de outro trabalho. Mas são parelhos o espírito que propicia o enriquecimento e o que procede a um sábio dispêndio.

Devendo dizer mais adiante que o dispêndio é neste caso um dos meios da aquisição, não podemos duvidar da identidade dos princípios que tornam fecunda, aqui e ali, nossa atividade intelectual.

Essa é uma razão para esperar ser útil a todos.

Chandolin
15 de agosto de 1920

CAPÍTULO I

A VOCAÇÃO INTELECTUAL

I. O INTELECTUAL É UM CONSAGRADO

Falar de vocação é referir-se àqueles que pretendem fazer do trabalho intelectual sua vida, quer por disporem de todo o seu tempo para dedicar-se ao estudo, quer por, estando comprometidos com ocupações profissionais, reservarem para si como um feliz complemento e uma recompensa o profundo desenvolvimento do espírito.

Digo profundo para descartar a ideia de tintura superficial. Uma vocação não se satisfaz de modo algum com leituras soltas e trabalhos esparsos. Trata-se de penetração e de continuidade, de empenho metódico, em ordem a uma plenitude que responda ao chamado do Espírito e aos recursos que lhe aprouve comunicar-nos.

Esse apelo não deve ser prejudgado. Não propiciaríamos senão decepções se nos lançássemos num caminho onde não pudéssemos avançar a passo firme. O trabalho impõe-se a todos, e, depois de uma primeira formação onerosa, ninguém agirá com sabedoria se deixar seu espírito retornar pouco a pouco ao estado de indigência inicial; mas uma coisa é a manutenção tranquila do que se adquiriu, e outra a retomada furtiva de uma instrução sabidamente provisória, que se considera unicamente um ponto de partida.

É esse último estado de espírito o que é o de um chamado. Ele implica uma resolução séria. A vida de estudo é austera e impõe pesadas obrigações. Ela paga, e largamente; mas exige um investimento de que poucos são capazes. Os atletas da inteligência, como os do esporte, devem prever as privações, os longos treinos e uma tenacidade às vezes sobre-humana. É preciso entregar-se

de todo o coração para que a verdade se entregue. A verdade só está a serviço de seus escravos.

Tal orientação não deve ser tomada senão antes de uma longa deliberação. A vocação intelectual é como todas as demais: está inscrita em nossos instintos, em nossas capacidades, em não sei que impulso interior que a razão controla. Nossas disposições são como as propriedades químicas que determinam, para cada corpo, as combinações em que esse corpo pode entrar. Isso não se dá. Isso vem do céu e da natureza primeira. Tudo é uma questão de ser dócil a Deus e a si mesmo depois de ter-lhes ouvido a voz.

Desse modo, a palavra de Disraeli: "Fazeis o que vos aprouver, desde que isso vos apraza de fato", comporta um grande sentido. O gosto, que está em correlação com as tendências profundas e com as aptidões, é um excelente juiz. Se Santo Tomás pôde dizer que o prazer qualifica as funções e pode servir para a classificação dos homens, isso deve levá-lo a concluir que o prazer pode também desvendar nossas vocações. É necessário tão somente perscrutar até as profundidades onde o gosto e o impulso espontâneo se unem aos dons de Deus e à sua providência.

Além do interesse imenso de realizar-se a si mesmo em sua plenitude, o estudo de uma vocação intelectual comporta um interesse geral a que ninguém pode furtar-se.

A humanidade cristã é composta de personalidades diversas, da qual nenhuma abdica sem empobrecer o grupo nem privar o Cristo eterno de uma parte de seu reinado. Cristo reina por seu desdobramento. Toda vida de um de seus "membros" é um instante qualificado de sua duração; todo caso humano e cristão é um caso incomunicável, único e por conseguinte necessário da extensão do "corpo espiritual". Se alguém é designado como porta-luz, que não encubra com um anteparo o brilho pequeno ou grande que se espera dele na casa do Pai de família. Amem a verdade e seus frutos de vida, por si próprios e pelos outros; consagrem ao estudo e a seu uso a maior parte de seu tempo e de seu coração.

Todos os caminhos lhes são maus, salvo um, já que se afastam da direção onde aquela sua ação é esperada e requisitada. Não sejam infiéis a Deus, a seus irmãos e a si próprios rejeitando um chamado sagrado.

Isso supõe que venham à vida intelectual com propósitos desinteressados, não por ambição ou tola vaidade. Os chamarizes da publicidade só tentam os espíritos fúteis. A ambição ofende a verdade eterna quando a transforma em sua subordinada. Brincar com as questões que dominam a vida e a morte, com a natureza misteriosa, com Deus, conseguir para si um destino literário ou filosófico em detrimento do verdadeiro, ou fora do compromisso com o verdadeiro, não seria um sacrilégio? Tais objetivos, o primeiro sobretudo, não dariam sustentação ao pesquisador; ver-se-ia prontamente não só o esforço esmorecer mas a vaidade tentar satisfazer-se com o vazio, sem preocupação com as realidades.

Mas isso supõe também que à aceitação do fim acrescentemos a aceitação dos meios, sem o quê a submissão à vocação não seria muito séria. Muitos gostariam de saber! Uma vaga aspiração conduz as multidões para horizontes que a maior parte admira de longe, como o que sofre de podagra ou de acessos de tosse às neves eternas. Obter sem pagar é o desejo universal; mas é um desejo de corações covardes e de cérebros enfermos. O universo não acorre ao primeiro sussurro, e a luz de Deus não aparece sob nossa lâmpada sem o rogo de nossa alma.

Você é um consagrado: queira o que quer a verdade; consinta, por ela, a mobilizar-se, a instalar-se em seus domínios próprios, a organizar-se e, inexperiente, a apoiar-se na experiência dos outros.

"*Se a juventude soubesse!...*" São sobretudo os jovens os que precisam desta advertência. A ciência é um *conhecimento pelas causas*; mas ativamente, quanto à sua produção, é uma *criação pelas causas*. É preciso conhecer e adotar as causas do saber, depois pô-las, e não recuar da preocupação com os fundamentos até ao momento de montar a cobertura.

Nos primeiros anos de liberdade depois dos estudos, com a terra intelectual recém-revolvida e as sementes lançadas, quantas e quão belas culturas não se poderiam empreender! É o tempo que não se reencontrará mais, o tempo sobre o qual repousará a vida depois. Tal como ele tiver sido, assim seremos nós, pois não se podem fincar novas raízes. Viver na superfície o castigará por ter negligenciado, a seu tempo, o futuro que sempre herda. Que cada um pense a esse respeito, enquanto pensar ainda pode servir.

Quantos jovens, com a pretensão de se tornarem trabalhadores, desperdiçam miseravelmente seus dias, suas forças, sua seiva intelectual, seu ideal! Ou eles não trabalham – têm tempo de sobra pela frente! – ou trabalham mal, por capricho, sem saber quem são, nem aonde querem ir, nem como se caminha. Aulas, leituras, amizades, dosagem do trabalho e do descanso, da solidão e da ação, da cultura geral e da especialização, senso do estudo, arte de extrair e de empregar os dados adquiridos, realizações provisórias que anunciam o trabalho vindouro, virtudes por obter e por desenvolver, nada está previsto, nada será satisfeito.

Contudo, que diferença, dada a igualdade de recursos, entre aquele que sabe e que prevê e aquele que vai à ventura! “O gênio é uma longa paciência”, mas uma paciência organizada, inteligente. Não há necessidade de faculdades extraordinárias para realizar uma obra; estar um pouco acima da média já é o bastante; o restante é fornecido pela energia e por suas sábias aplicações. É como o que se dá com um operário honesto, comedido e trabalhador: ele chega lá, enquanto o inventor não passa às vezes de um fracassado e azedo.

Tudo o que digo aqui é válido para todos; aplico-o todavia especialmente àqueles que sabem não dispor senão de uma parte de sua vida, a mais tênue, para dedicar-se aos trabalhos da inteligência. Estes devem, mais que os outros, ser consagrados. O que eles não podem distribuir ao longo de seu tempo de existência terão de condensá-lo num curto espaço. O ascetismo especial e a virtude heroica do trabalhador intelectual deverão ser sua prática cotidiana. Mas, se eles consentirem com essa dupla oferenda de si próprios, eu lhes digo, em nome do Deus da verdade, que eles não desanimem.

Se a genialidade não é indispensável para produzir, tanto menos necessário é ter plena liberdade. Mais ainda, esta tem armadilhas que obrigações rigorosas podem ajudar a vencer. Uma correnteza comprimida entre margens estreitas lançar-se-á mais longe. A disciplina exigida pela profissão é a melhor escola: é proveitosa para os lazes de estudo. Sob pressão, concentrar-nos-emos mais, aprenderemos o valor do tempo, refugiar-nos-emos com ímpeto nessas horas raras em que, estando satisfeito o dever, temos encontro com o ideal, no qual gozamos da descontração numa ação que escolhemos, depois da ação imposta pela áspera existência.

O trabalhador que encontra assim no novo esforço a recompensa pelo esforço antigo, que faz dele seu tesouro de avaro, é em geral um apaixonado; não se pode desprendê-lo do que assim é consagrado pelo sacrifício. Se seu ritmo parece mais lento, ele tem como acelerá-lo mais adiante. Pobre tartaruga esforçada, nada de entreter-se, só perseverança, mas ao cabo de alguns poucos anos terá ultrapassado a lebre indolente cuja velocidade desimpedida causava inveja ao andar penoso da tartaruga.

Julguem do mesmo trabalhador isolado, privado de recursos intelectuais e de convívios estimulantes, enfiado em algum fim de mundo interiorano onde ele parece condenado a apodrecer, exilado longe das ricas bibliotecas, das aulas brilhantes, do público vibrante, possuindo-se apenas a si mesmo e obrigado a tirar tudo desse terreno inalienável.

Ah! que este tampouco se desencoraje! Tendo tudo contra si, que ele se preserve a si mesmo e que isso lhe baste. Um coração ardente tem mais chances de chegar lá, ainda que seja em pleno deserto, que um sujeitinho do Quartier Latin que use e abuse da fartura. Aqui, mais uma vez, da dificuldade pode brotar força. Nós nos apoiamos na montanha apenas em trechos difíceis; as trilhas planas deixam-nos relaxados, e o relaxamento sem controle logo se torna calamitoso.

O que vale acima de tudo é o querer, um querer profundo: querer ser alguém; chegar a alguma coisa; ser já, pelo desejo, esse alguém qualificado por seu ideal. O restante sempre se arranja. Livros existem por toda parte, e não são necessários senão em pequeno número. Frequentações, estímulos, podemos encontrá-los espiritualmente em nossa solidão: os grandes seres estão aí, presentes a quem os invocar, e os grandes séculos impulsionam por trás o pensador fervoroso. Os cursos, aqueles que deles dispõem não os frequentam ou os frequentam mal, se não tiverem em si mesmos algo que lhes permita abrir mão, caso necessário, desse privilégio. Quanto ao público, se às vezes nos excita, amiúde nos perturba, nos dispersa, e de que vale recolher uma moeda na rua se podemos perder aí uma fortuna?! Mais vale a solidão apaixonada, onde cada grão produz cem por um [08] e cada raio de sol engendra as cores douradas do outono.

Santo Tomás de Aquino, vindo a estabelecer-se em Paris e divisando a grande cidade de longe, disse ao frade que o acompanhava: "Irmão, eu trocaria

tudo isto pelo comentário de Crisóstomo sobre São Mateus". Quando se experimentam sentimentos como esse, não importa onde se está nem de que se dispõe; está-se marcado pelo sinal; é-se um eleito do Espírito; só resta perseverar e confiar-se à vida tal como Deus a regula.

Jovem que compreende essa linguagem e a quem os heróis da inteligência parecem chamar misteriosamente, mas que receia estar despreparado, escute-me. Você dispõe de duas horas por dia? Pode comprometer-se a resguardá-las zelosamente, a empregá-las arduamente, e em seguida, preposto você também ao *Reino de Deus*, pode *beber o cálice* cujo sabor requintado e amargo estas páginas gostariam de fazê-lo experimentar? Se a resposta for sim, tenha confiança. Mais que isso, repouse na certeza.

Obrigado a ganhar a vida, ao menos a ganhará sem sacrificar-lhe, como acontece frequentemente, a liberdade de sua alma. [09] Abandonado, isso só o lançará com mais violência a seus nobres fins. A maioria dos grandes homens exerceu uma profissão. As duas horas que eu peço muitos declararam que bastam para um destino intelectual. Aprenda a administrar esse pouco tempo; mergulhe todos os dias de sua vida na fonte que sacia e torna a dar sede.

Quer ajudar, a seu modo humilde, a perpetuar a sabedoria entre os homens, a colher a herança dos séculos, a fornecer ao presente as regras do espírito, a descobrir os fatos e as causas, a orientar os olhos inconstantes para as causas primeiras e os corações para os fins supremos, a reavivar se necessário a chama que declina, a organizar a propaganda da verdade e do bem? É seu quinhão. Isso vale sem dúvida um sacrifício adicional e a manutenção de uma paixão zelosa.

O estudo e a prática do que o padre Gratry chama *lógica viva*, isto é, o desenvolvimento de nosso espírito, ou verbo humano, por contato direto ou indireto com o Espírito e o Verbo divinos, esse estudo grave e essa prática perseverante lhe abrirão a entrada do santuário admirável. Você estará entre os que crescem, entre os que adquirem e se preparam para os dons magníficos. Você também, um dia, se Deus quiser, encontrará um lugar na assembleia dos nobres espíritos.

II. O INTELLECTUAL NÃO É UM ISOLADO

Outra característica da vocação intelectual consiste em que o trabalhador cristão, que é um consagrado, não deve ser um isolado. Em qualquer situação, por mais abandonado ou retirado que se suponha materialmente, ele não deve deixar-se tentar pelo individualismo, imagem deformada da personalidade cristã.

Tanto a solidão vivifica quanto o isolamento paralisa e esteriliza.

De tanto ser uma alma, acaba por deixar de ser um homem, diria Victor Hugo. O isolamento é inumano; pois trabalhar humanamente é trabalhar com o sentimento do homem, de suas necessidades, de suas grandezas, da solidariedade que nos une numa vida estreitamente comum.

Um trabalhador cristão deveria viver constantemente no universal, na história. Já que ele vive com Jesus Cristo, não pode separar dele os tempos nem os homens. A vida real é uma vida una, uma vida de família imensa com a caridade por lei: se o estudo se quer um ato de vida, não uma arte pela arte ou um açambarcamento do abstrato, deve deixar-se reger por essa lei de unidade cordial. "Rezamos diante do crucifixo", diz Gratry – devemos também trabalhar diante dele –, "mas a verdadeira cruz não está isolada da terra."

O verdadeiro cristão manterá permanentemente diante dos olhos a imagem deste globo onde a cruz está fincada, onde os humanos necessitados erram e sofrem, e onde o sangue redentor, em filetes numerosos, procura vir a seu encontro. A porção de claridade que ele detém reveste-o de um sacerdócio; o que quer alcançar com isso é uma promessa implícita de dom. Toda verdade é prática; a mais abstrata em aparência, a mais elevada, é também a mais prática. Toda verdade é vida, orientação, caminho em ordem ao fim humano. Aí está por que Jesus Cristo disse como uma afirmação única: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".

Trabalhem sempre, portanto, com espírito de utilização, como diz o Evangelho. Ouçam o gênero humano rumorejar a seu redor; distingam tais e tais, indivíduos ou grupos, cuja indigência conhecem; descubram o que pode tirá-los da noite, enobrecê-los, o que, de perto ou de longe, os salva. Não há santas verdades além das verdades redentoras, e não foi em vista de nosso trabalho, como de tudo o mais, que o Apóstolo disse: "A vontade de Deus é que sejais santos"?

Jesus Cristo precisa de nosso espírito para sua obra como ele precisava, na terra, de seu próprio espírito humano. Tendo ele partido, nós o continuamos; temos essa honra incomensurável. Somos seus "membros", e pois seu espírito por participação, e pois seus cooperadores. Ele age por nós no exterior e por seu Espírito inspirador no interior, como quando, estando vivo, agia no exterior por sua voz e no interior por sua graça. Sendo nosso trabalho uma necessidade dessa ação, trabalhemos como Jesus meditava, como ele hauria, para distribuir, nas fontes do Pai.

III. O INTELLECTUAL PERTENCE A SEU TEMPO

E, depois, pensem que, se todos os tempos são iguais diante de Deus, se sua eternidade é um centro radiante onde todos os pontos da circunferência do tempo se apresentam a igual distância, o mesmo não se dá entre os tempos e nós, que habitamos a circunferência. Estamos aqui, na vasta roda, não em outro lugar. Se estamos aqui, é porque Deus aqui nos colocou. Todo momento da duração nos diz respeito, e todo século é nosso próximo, como todo homem; mas a palavra "próximo" é uma palavra relativa, que a sabedoria providencial especifica para cada um, e que cada um, em sua sabedoria submissa, deve especificar igualmente.

Eis-me, homem do século XX, contemporâneo de um drama permanente, testemunha de transtornos como talvez nunca o globo haja visto desde que surgiram os montes e desde que os mares foram expulsos para seus antros. Que devo fazer por este século resfolegante? Mais que nunca o pensamento aguarda os homens, e os homens ao pensamento. O mundo está em perigo por falta de máximas de vida. Estamos num trem propelido a toda velocidade, sem sinalização visível, sem nenhum agulheiro. O planeta não sabe aonde está indo, sua lei o abandonou: quem vai restituir-lhe seu Sol?

Ao dizer isso, não tenciono restringir o campo da pesquisa intelectual e confiná-la no estudo exclusivamente religioso. Isso ficará claro. Já disse que toda verdade é prática, que toda verdade salva. Mas aponto um espírito, e este espírito, do ponto de vista tanto da oportunidade como de modo geral, exclui o diletantismo.

Ele exclui também determinada tendência arqueológica, um amor do passado que não dá a devida importância às dores do presente, uma estima do passado que parece ignorar a presença universal de Deus. Os tempos não se equivalem, mas todos os tempos são tempos cristãos, e há um que para nós e na prática os supera a todos: o nosso. Em vista disso estão nossos recursos nativos, nossas graças de hoje e de amanhã, e pois também os esforços que devem responder-lhes.

Não nos assemelhemos àqueles que dão sempre a impressão de carregar os cordões da mortalha nos funerais do passado. Utilizemos o valor dos mortos para viver. A verdade é sempre nova. Como a relva da manhã recoberta de um delicado orvalho, todas as virtudes antigas têm ânsia de reflorescer. Deus não envelhece. É preciso ajudar esse Deus a renovar não os passados sepultados e as crônicas extintas, mas a face eterna da terra.

Tal é o espírito do intelectual católico, tal sua vocação. Quanto mais cedo ele precisar esse dado geral pela descoberta do gênero de estudos a que deve dedicar-se, melhor lhe será.

Escute, agora, que virtudes Deus lhe pede.

CAPÍTULO II

AS VIRTUDES DE UM INTELECTUAL CRISTÃO

I. AS VIRTUDES COMUNS

Eu poderia dizer: a virtude contém a intelectualidade em potência, pois, conduzindo-nos a nosso fim, que é intelectual, a virtude equivale ao supremo saber.

Tirar-se-iam daí muitas coisas; poder-se-ia até tirar daí tudo, pois a esse primado da ordem moral se liga a dependência relativa do verdadeiro, do belo, da harmonia, da unidade, do próprio ser com respeito à moralidade, que assim é aparentada ao primeiro princípio.

Mas prefiro seguir uma estrada mais modesta.

As qualidades do caráter têm em toda coisa um papel preponderante. O intelecto não é senão uma ferramenta; o manejo determinará seus efeitos. Para bem reger a inteligência, não é evidente que se requerem qualidades de todo diferentes da inteligência? Instintivamente todo espírito reto declara que a superioridade em qualquer gênero inclui uma dose de superioridade espiritual. Para julgar verdadeiro, é preciso ser grande.

Não haveria algo de chocante em ver uma grande descoberta provir de um patife? A candura de um homem simples seria de todo ferida por isso. Fica-se escandalizado com uma dissociação que ofende a harmonia humana. Não se acredita nesses joalheiros que vendem pérolas mas não as usam. Avizinhar-se da fonte sublime sem nada tomar de sua natureza moral parece um paradoxo. De usufruir do poder da inteligência e fazer dele uma força

isolada, uma "saliência" supõe-se que seja um jogo perigoso, pois toda força isolada, no seio de um todo equilibrado, se torna sua vítima.

Se o caráter vem a soçobrar, é de esperar que o sentido das grandes verdades o padeça. O espírito, já sem estar sob controle, já sem encontrar seu nível, enveredará por maus declives, e sabe-se que *um pequeno erro no começo se torna grande no final*. A força lógica poderá precipitar para mais baixo aquele cuja alma deixou o discernimento sem salvaguardas. Daí tantas quedas estrondosas, e tantos equívocos às vezes geniais, em mestres desorientados.

A vida é uma unidade: seria muito surpreendente que se pudesse levar uma de suas funções a pleno apogeu negligenciando outra, e que viver as ideias não nos ajudasse a percebê-las.

A que se deve a unidade da vida? Ao amor. "Dize-me o que tu amas, e eu te direi o que és". O amor é em nós o começo de tudo, e esse ponto de partida comum do conhecimento e da prática não pode deixar de tornar solidários, em certa medida, os retos caminhos de um e de outro.

A verdade chega aos que a amam, aos que se submetem a ela, e esse amor não se dá sem virtude. Desse modo, a despeito de suas possíveis taras, o gênio que está trabalhando já é virtuoso; para completar sua santidade, bastaria que fosse mais plenamente ele próprio.

O verdadeiro cresce na mesma terra que o bem; suas raízes se comunicam. Arrancada dessa raiz comum e por isso menos ligada à sua terra, uma ou outra padece, a alma fica anêmica ou o espírito se estiola. Ao contrário, alimentando o verdadeiro, esclarece-se a consciência; fomentando o bem, guia-se o saber.

Praticando a verdade que se sabe, merece-se a que se ignora. Merece-se na visão de Deus; merece-se também por um mérito que se coroa a si mesmo; pois todas as verdades se sustentam entre si, e, sendo a homenagem do fato a mais decisiva de todas, quando nós a prestamos à verdade da vida, aproximamo-nos das luzes soberanas e de suas dependências. Se embarcar no afluente, chego ao rio, e daí ao mar.

Examinemos mais de perto essa doutrina tão importante, tão importante que só para lembrá-la teria sido oportuno produzir este opúsculo.

A virtude não é a saúde da alma? E quem ousará dizer que a saúde não causa nada à visão? Perguntem ao oculista. Um clínico inteligente não se limita a medir a curvatura do cristalino e a escolher armações de óculos, a receitar colírios ou lavagens locais; preocupa-se com sua saúde geral, com sua dentição, com seu ritmo de vida, com suas vísceras. Não se surpreendam se esse médico especializado em um único órgão os questione a respeito de sua virtude.

A visão espiritual não é menos exigente.

Creem vocês que pensamos só com a inteligência? Não passamos de um feixe de poderes onde se toma para isto ou para aquilo o instrumento querido? Nós pensamos “com toda a nossa alma”, declarava Platão. Iremos dentro em pouco muito mais longe, e diremos: com todo o nosso ser. O conhecimento interessa a tudo em nós, desde a ideia vital até à composição química da menor célula. As desordens mentais de toda e qualquer natureza, os estados delirantes, as alucinações, as astenias e as hiperstenias, as desadaptações à realidade, qualquer que seja sua espécie, são provas concretas de que não é o espírito sozinho o que pensa, mas o homem.

Como farão para bem pensar com uma alma doente, com um coração trabalhado pelos vícios, dilacerado pelas paixões, desorientado por amores violentos ou culpáveis? Há um estado de lucidez e um estado de cegueira da alma, dizia Gratry, um estado são, e por conseguinte sensato, e um estado insensato. “O exercício das virtudes morais”, diz-nos por sua vez Santo Tomás de Aquino, “virtudes pelas quais são refreadas as paixões, importa sobremaneira à aquisição da ciência.” [\[10\]](#)

Eu o creio perfeitamente! Analisem. De que depende antes de tudo o esforço da ciência? Da atenção, que fixa o campo da pesquisa, nos concentra nele e apoia aí todas as nossas forças; em seguida, do julgamento, que colhe o fruto da investigação. Ora, as paixões e os vícios relaxam a atenção, dispersam-na, desviam-na, e prejudicam o julgamento por rodeios cujos meandros foram atentamente perscrutados por Aristóteles e por muitos outros depois dele.

Todos os psicólogos contemporâneos estão aqui de acordo; a evidência não permite nenhuma dúvida. A “psicologia dos sentimentos” rege a prática, mas igualmente, em grande parte, o pensamento. A ciência depende de nossas tendências passionais e morais. Apaziguarmo-nos é liberar em nós o senso do universal; retificarmo-nos é liberar o senso do verdadeiro.

Analistem ainda. Quais são os inimigos do saber? Obviamente a ininteligência: por isso, o que dizemos dos vícios, das virtudes e de seu papel na ciência pressupõe sujeitos de resto iguais. Mas, à parte a estupidez, que inimigos vocês receiam? Não pensam na preguiça, onde se sepultam os melhores dons? Na sensualidade, que enfraquece e entorpece o corpo, enfumaça a imaginação, estupidifica a inteligência, dispersa a memória? No orgulho, que ora ofusca ora entenebrece, que nos faz crescer tanto em nosso próprio sentido que nos pode escapar o sentido universal? Na inveja, que recusa obstinadamente uma claridade vizinha? Na irritação, que repele as críticas e se aferra ao erro?

Fora desses obstáculos, um homem de estudo elevar-se-á mais ou menos segundo seus recursos e seu meio; mas alcançará o nível de seu próprio gênio, de seu próprio destino.

Todas as taras mencionadas chamam-se, aliás, mais ou menos, uma à outra; recortam-se, ramificam-se, e todas são para o amor do bem ou seu desprezo o que os filetes de água entrecruzados são para a fonte. A pureza do pensamento exige a pureza da alma: aí está uma verdade geral que nada abalará. Que o neófito da ciência se deixe impregnar dela.

Subamos mais, e, já que falamos de fontes, não esqueçamos a primeira delas. A metafísica mais segura ensina-nos que, em seu ápice, a verdade e o bem não só estão ligados, mas são idênticos.

Deve-se dizer, para ser exato, que o bem de que se fala assim não é, para falar propriamente, o bem moral; diretamente, trata-se tão somente do desejável; mas um desvio no leva de um ao outro.

O bem moral é apenas o desejável medido pela razão e proposto à vontade como um fim. Os fins se relacionam entre si. Todos dependem de um último. É este último o que encontra o verdadeiro e se identifica com ele. Liguem essas proposições, e verão que o bem moral, se não é idêntico à verdade de qualquer maneira, dela depende contudo através dos fins do querer. Há pois entre os dois uma ligação lassa ou mais ou menos cerrada, mas infrangível.

Não é de forma alguma pelo que há em nós de individual que temos acesso à verdade, mas em virtude de uma participação no universal. O

universal, que é ao mesmo tempo verdadeiro e bom, não podemos honrá-lo como verdadeiro, unir-nos a ele intimamente, descobrir seus traços e sofrer poderosamente seu influxo sem reconhecê-lo e servi-lo igualmente como bem.

Galguem a Grande Pirâmide por seus degraus gigantes que representam tão exatamente a ascensão do verdadeiro: se subirem pela aresta norte, conseguirão chegar ao topo sem se aproximar da aresta sul? Manter-se à distância do vértice é permanecer nos níveis baixos; afastar-se dele é inclinar-se e tornar a descer. Assim, o gênio da verdade tende por si mesmo encontrar o bem: se se afasta, é em detrimento de seu impulso para o cume.

Bem-aventurados os corações puros, disse o Senhor, *porque verão a Deus*. "Guarda a pureza de consciência", diz Santo Tomás a seu estudante; "não deixes de imitar o comportamento dos santos e dos homens de bem." A obediência da alma à fonte inefável, suas disposições filiais e amorosas abrem-na à invasão tanto das claridades como do fervores e das retidões. Amada e realizada como vida, a verdade revela-se como princípio; vemo-nos segundo o que somos; participamos da verdade participando do Espírito segundo o qual ela existe. As grandes intuições pessoais, as luzes penetrantes vêm, em igualdade de valor, do aperfeiçoamento moral, do desapego de si e das banalidades habituais, da humildade, da simplicidade, da disciplina dos sentidos e da imaginação, do elã para os grandes fins.

Já não se trata aqui de provarmos nossa habilidade, de fazermos brilhar nossas aptidões como uma joia; queremos comunicar com a sede da luz e da vida; abordamos esse centro em sua unidade, tal qual é; adoramo-lo, e renunciamos ao que se mostra seu inimigo para que sua glória nos inunde. Não será um pouco tudo isso o que significa a famosa expressão: "Os grandes pensamentos vêm do coração"?

II. A VIRTUDE PRÓPRIA DO INTELECTUAL

Eis-nos agora certos de que a virtude tomada em geral é necessária à ciência, e que, quanto mais retidão moral se lhe dê, mais fecundo será o estudo. Há todavia uma virtude própria do intelectual, e convém insistir nela, embora ela deva reaparecer, um pouco por toda parte, no curso destas páginas.

A virtude própria do homem de estudo é evidentemente a estudiosidade. Que não haja precipitação em julgar isso simplista: nossos mestres na doutrina puseram aí muitas coisas, e afastaram daí muitas outras. [111]

Santo Tomás punha a estudiosidade sob a temperança moderadora, para indicar que de si o saber é sem dúvida sempre bem-vindo, mas que a constituição da vida nos pede que *temperemos*, isto é, adaptemos às circunstâncias e liguemos aos demais deveres um apetite por conhecer que facilmente se excede.

Ao dizer “se excede”, entendo-o nos dois sentidos. No reino da estudiosidade opõem-se dois vícios: a *negligência* de um lado, a *vã curiosidade* do outro. Omitamos aqui a primeira: se ela não for odiosa ao leitor no momento de fechar este livrinho, é porque ele se terá cansado no caminho ou porque nós teremos traçado muito mal a rota. Mas não digo o mesmo da *curiosidade*. Esta pode aproveitar-se de nossos melhores instintos e viciá-los no exato instante em que pretende satisfazê-los.

Já mencionamos os intuitos ambiciosos que desorientam uma vocação intelectual. Sem chegar a tanto, a ambição pode contudo alterar a estudiosidade e seus efeitos úteis. Um ato de ambição a propósito da ciência já não é um ato de ciência, e aquele que se entrega a ele já não merece o nome de intelectual.

Qualquer outro fim pecaminoso requereria o mesmo veredicto.

Por outro lado, o estudo, mesmo que desinteressado e reto, nem sempre é oportuno; se não o é, o sujeito da ciência esquece seu ofício de homem, e que intelectual é esse que não é um homem?

Outros deveres além do estudo são deveres humanos. O conhecimento tomado em absoluto é sem dúvida nosso bem supremo; mas o que dele se degusta aqui é amiúde subordinado a outros valores que lhe serão equivalentes sob os auspícios do mérito.

Um pároco de aldeia que se devota a seus paroquianos, um clínico que desleixa a ciência para prestar socorros urgentes, um filho de família que ingressa numa profissão para ajudar os seus e renuncia assim a uma livre cultura não profanam seu gênio interior; prestam homenagem a esse Verdadeiro que é com o Bem um único e mesmo Ser. Se eles agissem de outro modo, não

ofenderiam menos a verdade que à virtude, já que, por um desvio, oporiam a ela mesma a Verdade viva.

Vê-se assim a muitos curiosos da ciência que não temem sacrificar-lhe suas mais estritas obrigações. Já não são cientistas: são diletantes. Ou então eles deixam de lado o estudo que responde a suas obrigações para perseguir aquele que atende a seus desejos, e a depreciação é a mesma.

Os que visam ir mais alto do que lhes permitem suas forças e se expõem assim ao erro, os que estragam suas faculdades reais para adquirir outras ilusórias são igualmente *curiosos* no sentido antigo. Dois dos dezesseis conselhos de Santo Tomás em matéria de estudo são dirigidos a eles: "*Altiora te ne quæsieris*: Não procures acima de teu alcance". "*Volo ut per rivulos, non statim, in mare eligas introire*: Quero que decidas entrar no mar pelos regatos, não diretamente." Conselhos preciosos, proveitosos tanto para a ciência quanto para a virtude ao equilibrarem o homem.

Não sobrecarreguem o solo; não ergam a construção mais do que a base permite, ou antes que ela esteja firme: seria fazer de modo que tudo desmoronasse.

Quem são vocês? Em que ponto estão? Que fundamentos intelectuais oferecem? Aí está o que determina suas empresas científicas. "Quereis ver grande, plantai pequeno", dizem os especialistas florestais, e é este, em outras palavras, o conselho tomista. O sábio começa do início e só dá o passo seguinte depois de ter firmado o anterior. Esse é o motivo pelo qual os autodidatas têm tantos pontos fracos. Não conseguimos começar sozinhos do começo. Quando nos juntamos a um grupo já em marcha, esse meio nos oferece etapas já franqueadas e não nos mostra a passagem.

Por outro lado, o que é verdadeiro para cada um quanto às etapas de seu desenvolvimento é verdadeiro para cada um em relação aos outros. Não devemos superestimar-nos, e julgar-nos. Aceitarmo-nos tais quais somos é obedecer a Deus e preparar-nos vitórias seguras. A natureza procura ir além do que pode? Tudo nela é exatamente mensurado, sem esforço inútil nem avaliação mentirosa. Cada ser age segundo sua quantidade e sua qualidade, segundo sua natureza e sua força, e depois fica em paz. Só o homem vive de pretensões e de tristeza.

Que ciência e que virtude em nos julgarmos corretamente e permanecermos nós próprios! Pertence-nos um papel que só nós podemos desempenhar e que nos convém desempenhar com perfeição, em vez de buscar forçar a sorte. Os destinos não são intercambiáveis. Tanto ao nos elevarmos como ao nos rebaixarmos, perdemos. Sigam em frente e segundo vocês mesmos, com Deus por guia.

Santo Tomás acrescenta a essas prudências necessárias o cuidado de não deter a curiosidade nos objetos daqui de baixo em detrimento do objeto supremo. Tiraremos daí, mais adiante, uma consequência importante quanto à organização do trabalho; ^[12] mas que antes de tudo o estudo deixe espaço para o culto, para a oração, para a meditação direta sobre as coisas de Deus. Ele mesmo é um ofício divino, mas em reflexo; ele procura e honra os “traços” criadores ou então as “imagens”, de acordo com o que escruta da natureza ou da humanidade; mas deve ceder seu lugar, no devido tempo, ao contato direto; se se esquece disso, além de desconsiderar um grande dever, a imagem de Deus no criado nos veda a visão, e os traços não servem senão para afastar-nos para longe d’Aquele que eles atestam.

Estudarmos de modo tal que já não rezemos, já não nos recolhamos, já não leiamos a palavra sagrada, nem a dos santos, nem a das grandes almas; de modo tal que nos esqueçamos de nós mesmos e que, de todo concentrados nos objetos do estudo, negligenciemos o hóspede interior, isso é um abuso e uma enganação. Supor que assim progrediremos e produziremos mais equivale a dizer que o rio fluirá melhor se sua fonte secar.

A ordem do espírito deve corresponder à ordem das coisas. No real tudo se eleva ao divino, tudo depende dele, porque tudo provém dele. Na efígie do real em nós, as mesmas dependências se revelam, a menos que tenhamos transtornado as relações do verdadeiro.

III. O ESPÍRITO DE ORAÇÃO

Tais disposições serão salvas se, independentemente da piedade prévia ao estudo, se cultivar no próprio trabalho o espírito de oração.

É novamente Santo Tomás quem diz ao apaixonado pela ciência: “*Orationi vacare non desinas*: Não abandones jamais a oração”, e Van Helmont nos explica

esse preceito por estas sublimes palavras: "Todo estudo é um estudo da eternidade".

A ciência é um conhecimento pelas causas, dizemos nós sem cessar. Os detalhes não são nada; os fatos não são nada; o que importa são as dependências, as comunicações de influência, as ligações, as trocas que constituem a vida da natureza. Ora, por trás de todas as dependências há a dependência primeira; no nó de todas as ligações, o Laço; no cimo das comunicações, a Fonte; sob as trocas, o Dom; sob a sístole e a diástole do mundo, o Coração, o imenso Coração do Ser. Não deve o espírito referir-se incessantemente a ele e não perder um minuto sequer o contato com o que é assim o todo de todas as coisas e por conseguinte de toda ciência?

A inteligência não está plenamente em seu papel senão quando exerce uma função religiosa, isto é, quando presta culto ao verdadeiro supremo através do verdadeiro reduzido e disperso.

Cada verdade é um fragmento que exhibe de todos os lados seus vínculos; a Verdade em si mesma é una, e a Verdade é Deus.

Cada verdade é um reflexo: atrás do reflexo e dando-lhe valor, está a Luz. Cada ser é uma testemunha; cada fato é um segredo divino: para além está o objeto da revelação, o herói do testemunho. Todo verdadeiro se destaca sobre o Infinito como sobre seu fundo de perspectiva; aparenta-se a ele; pertence-lhe a ele. Por mais que uma verdade particular ocupe a cena, as imensidões estão mais longe. Poder-se-ia dizer: uma verdade particular não passa de um símbolo, um símbolo real, um sacramento do absoluto; ela figura, e é, mas não por si mesma; não se basta a si mesma; vive de empréstimo e morreria, abandonada à sua inconsistência.

Para a alma em plena vigília, toda verdade é, pois, um ponto de encontro; o Pensamento soberano solicita aí o nosso: faltaremos ao sublime encontro?

A vida do real não está toda no que se vê, no que se analisa pela ciência. O real tem uma vida oculta, como Jesus, e essa vida é também uma vida em Deus; é como uma vida de Deus; é uma revelação de sua sabedoria pelas leis, de sua potência pelos efeitos, de sua bondade pelas utilidades, de sua tendência à difusão pelos intercâmbios e pelo crescimento: convém venerar e amar essa sorte de encarnação ao contato mesmo com Aquele que se encarna.

Destacar esse “corpo de Deus” de seu Espírito é abusar dele, assim como é abusar de Cristo ver nele unicamente o homem.

A encarnação de Cristo resulta na comunhão, onde não se dissociam o corpo, o sangue, a alma e a divindade do Salvador: a quase encarnação de Deus no ser, da Verdade eterna em cada caso do verdadeiro deve resultar também num êxtase celeste, em lugar de nossas buscas distraídas e de nossas admirações banais.

Decidamos trabalhar sob a asa das grandes leis e sob a Lei suprema. Nem o conhecimento nem nenhuma manifestação de vida devem ser separados de suas raízes na alma e no real, onde o Deus do coração e o Deus dos céus se revelam e se juntam. Deve fazer-se a unidade entre nossos atos (incluindo o ato de aprender) e nossos pensamentos e nossas realidades primeiras. Em tudo, tenhamos toda a alma, toda a natureza, toda a duração e a Divindade mesma conosco.

Para obter esse espírito de oração na ciência, não é aliás necessário recorrer a nenhum encantamento misterioso. Não se requer nenhum esforço extrínseco. Sem dúvida a invocação a Deus e sua intervenção especial encontram aqui seu lugar. Santo Tomás sempre rezava antes de ditar ou de pregar; compusera para esse fim uma oração admirável: [13] o filho da ciência que balbucia procura de todo naturalmente a palavra que lhe falta no olhar divino. Mas, na própria ciência, na ciência cristã, encontramos a escada que, alçando-nos a Deus, nos permitirá retornar ao estudo com a alma mais esclarecida e como com os dons do profeta.

Tudo o que instrui conduz a Deus por um caminho coberto. Toda verdade autêntica é de si eterna, e a eternidade que ela porta orienta para aquela de que ela é a revelação. Através da natureza e da alma, aonde afinal se pode ir, senão para sua fonte? Se não se chega lá, é porque se tomou um desvio durante o trajeto. Com um simples salto o espírito inspirado e direito transpõe os intermediários, e a toda pergunta que surge nele, quaisquer que sejam as respostas particulares que ele possa dar, uma voz secreta responde: Deus!

Desse modo, é só deixar o espírito prosseguir em seu impulso de um lado, em sua atenção do outro lado, para que, entre o objeto de um estudo

particular e o da contemplação religiosa, se estabeleça um vaivém em benefício de ambos. De um elã rápido e amiúde inconsciente passa-se do *vestígio* ou da *imagem* a Deus, e daí, retomando impulso com forças renovadas, se volta aos traços do divino Caminhante. O que se descobre é então comentado, magnificado; vê-se aí um episódio de um imenso acontecimento espiritual; mesmo tratando de um nada, sentimo-nos clientes de verdades diante das quais as montanhas são efêmeras; o Ser infinito e a duração infinita nos envolvem, e nosso estudo é muito verdadeiramente “um estudo da eternidade”.

IV. A DISCIPLINA DO CORPO

Já o dissemos: a doutrina do composto humano opõe-se a uma dissociação das funções espirituais e das funções corporais mais estranhas em aparência ao pensamento puro. Santo Tomás dá sua assinatura a este pensamento irônico de Aristóteles: “É tão ridículo dizer: é a alma sozinha a que entende, quanto dizer: ela constrói ou ela tece”. [14] Ele próprio avança estas proposições aparentemente materialistas: “As diversas disposições dos homens às obras da alma devem-se às diversas disposições de seu corpo”; [15] “À boa compleição do corpo responde a nobreza da alma”. [16]

Isso nada tem de surpreendente. O pensamento nasce em nós depois de longas preparações em que a máquina corporal inteira está em operação. A química celular é a base de tudo; as mais obscuras sensações preparam nossa experiência: esta é produto do trabalho dos sentidos, que elaboram lentamente suas aquisições e as fixam pela memória. É no meio de fenômenos fisiológicos, em continuidade com eles e em sua dependência, que o fato intelectual se produz. Ninguém pensa, ainda que não esteja senão fazendo uso de uma ideia adquirida, sem evocar todo um conjunto de imagens, de emoções, de sensações que são o caldo de cultura da ideia.

Quando queremos suscitar um pensamento em alguém, de que meio dispomos? Só deste: produzir nele pela palavra, pelos signos, estados de sensibilidade e de imaginação, de emoção, de memória nos quais ele descobrirá nossa ideia e poderá fazê-la sua. Os espíritos não se comunicam senão pelo corpo. Da mesma maneira, o espírito de cada um não se comunica

com a verdade e consigo mesmo senão pelo corpo. De tal modo que a mudança pela qual passamos da ignorância à ciência deve ser atribuída, segundo Santo Tomás, diretamente ao corpo e só "por acidente" à parte intelectual. [17]

Tal doutrina, retomada sem cessar pelo nosso Doutor, tão essencialmente, tão providencialmente moderna, não deve engendrar a convicção de que para pensar, sobretudo para pensar com ardor e sabedoria durante toda uma vida, é indispensável submeter ao pensamento não somente a alma e seus diversos poderes mas também o corpo e todo o conjunto das funções orgânicas? Tudo, num intelectual, deve ser intelectual. O complexo físico e mental, a substância homem estão a serviço desta vida especial que por certos ângulos parece tão pouco humana: que não lhe oponham obstáculos! Tornemo-nos uma harmonia cujo resultado será a conquista do verdadeiro.

Ora, há aí duas coisas que é preciso arrostar, tanto uma como a outra, sem nenhum respeito humano, embora a primeira tenha o costume de assustar os espirituais de julgamento pouco firme.

Antes de tudo, não tenham vergonha de preocupar-se com ter boa saúde.

Grandes gênios tiveram saúde deplorável, e, se Deus quiser que assim seja com você, não discutamos. Mas, se for por escolha sua, será um caso de *tentação de Deus* muito culpável. Está bem seguro, aluno dos gênios, de ter como eles vigor suficiente para tirar um triunfo da luta incessante da alma contra a debilidade de sua carne? Nada indica que os próprios gênios não tenham visto suas taras fisiológicas desviar ou reduzir seus talentos. Muitas anomalias intelectuais, nos mais bem dotados, se explicariam talvez assim, e a fraca produção de alguns se explicaria da mesma maneira.

Em situação de igualdade de dons, é certo que a doença constitui uma grave inferioridade; ela diminui o rendimento; interfere na liberdade da alma nos momentos em que esta desempenha suas delicadas funções; distrai a atenção; pode falsear o julgamento pelos efeitos da imaginação e da emotividade que o sofrimento provoca. Uma doença de estômago muda o caráter de um homem; seu caráter muda seus pensamentos. Se Leopardi não tivesse sido o aborto que foi, contar-se-ia entre os pessimistas?

Quando se trata para vocês de uma vida elevada, não pensem que estarão rebaixando a discussão se se preocuparem, ao mesmo tempo que com o

pensamento, com todos os seus substratos orgânicos. “Uma alma sã num corpo são”, tal é sempre o ideal. O pensador tem uma fisiologia especial; ele deve preservá-la e não hesitar em consultar o homem da arte. [18]

Em todo caso, deve obedecer-se às prescrições correntes. Uma boa higiene é para vocês uma virtude quase intelectual. Para os nossos modernos, em que a filosofia é às vezes tão pobre, a higiene é rica: não a desprezem, que ela enriquecerá sua filosofia.

Levem tanto quanto possível uma vida ao ar livre. É reconhecido que a atenção, esse nervo da ciência, está em estreita correlação com a respiração, e, para a saúde geral, sabe-se que a abundância de oxigênio é uma condição primeira. Janelas abertas ou entreabertas dia e noite quando a prudência o permite, sessões frequentes de respirações longas, sobretudo combinadas com movimentos que as ampliem e que as tornem normais, passeios antes e depois do trabalho, ou até combinando-se com ele de acordo com a tradição grega: aí estão excelentes práticas.

É importante trabalhar numa posição que libere os pulmões e não comprima as vísceras. É bom interromper de vez em quando uma sessão de aplicação para respirar profundamente, para esticar-se em dois ou três gestos ritmados que relaxem o corpo e o impeçam de ficar, por assim dizer, enrugado. Descobriu-se que inspirar longamente ficando na ponta dos pés, com a janela aberta, é ainda mais eficaz. Não negligenciem nada, porque poderia seguir-se a congestão de seus órgãos e seu estiolamento.

É-lhes necessária todo dia uma sessão de exercícios. Lembrem-se do comentário do médico inglês: “Aqueles que não encontram tempo para fazer exercícios terão de encontrar tempo para ficar doentes”. Se não puderem exercitar-se ao ar livre, suprem-no métodos alternativos excelentes. O de J.-P. Muller é um dos mais inteligentes; mas há outros. [19]

Um trabalho manual ameno e que distraia seria igualmente precioso para a mente e para o corpo. Nossos pais não o ignoravam; mas nosso século tornou-se um desvairado que se ri da natureza; é por isso que a natureza se vinga. Programem todo ano, e secundariamente no decorrer do ano, sérias férias. Não entendo com isso uma ausência de todo e qualquer trabalho, o que deteria com excesso faculdades facilmente inconstantes, mas a predominância do repouso, do ar livre e do exercício na natureza.

Cuidem de sua alimentação. Comida leve, simples, moderada em quantidade e em preparação permitir-lhe-á um trabalho mais pronto e mais livre. Um pensador não passa a vida em sessões de digestão.

Velem mais ainda por seu sono. Não durmam demasiado nem muito pouco. Dormir demasiado torna pesados, sujos, espessos o sangue e o pensamento; muito pouco os expõe a prolongar ou a superpor perigosamente as excitações do trabalho. Observem-se; em matéria de sono como com respeito à alimentação, encontrem a medida que lhes convém e façam dela objeto de uma resolução firme. Não há aqui lei comum.

Em suma, compreendam que o cuidado do corpo, instrumento da alma, é para o intelectual uma virtude e uma sabedoria; Santo Tomás reconhece-lhe altamente o caráter e faz entrar esta sabedoria do corpo entre os elementos que concorrem para a beatitude temporal, incoação da outra. [20] Não se transformem em raquíticos, em fracassados que depois ficarão talvez estupidificados, velhos antes do tempo, e pois imbecis avaros do talento que lhes confiou o Mestre.

Mas o cuidado do cônjuge corporal comporta também outros elementos. Nós falamos das paixões e dos vícios como formidáveis inimigos do espírito. Pensávamos então em seus efeitos psicológicos, nas perturbações que eles trazem ao julgamento, à orientação do espírito, que eles transformam, chegados a certo grau, em potência de trevas. Atualmente, trata-se de seus efeitos corporais, que tornam a ser, indiretamente, doenças da alma.

Se permanecemos gulosos, preguiçosos, escravos do travesseiro e da mesa; se abusamos do vinho, do álcool, do tabaco; se nos esquecemos de nós em excitações malsãs, em hábitos ao mesmo tempo debilitantes e enervantes, em pecados talvez periodicamente perdoados mas cujos efeitos permanecem, como praticaremos a higiene cuja necessidade acabamos de defender?

Um amigo do prazer é um inimigo de seu corpo e torna-se prontamente, portanto, um inimigo de sua alma. A mortificação dos sentidos é exigida para o pensamento e só ela nos pode levar ao *estado de clarividência* de que falava Gratry. Se obedecerem à carne, estarão prestes a tornar-se carne, enquanto têm de tornar-se inteiramente espírito.

Por que se chama a Santo Tomás o *Doutor angélico*? Será unicamente por seu gênio alado? Não, e sim porque tudo nele se subordinava ao pensamento genial e santo, pois que sua carne, saída das margens tirrenas, se havia revestido das brancuras do Carmelo e do Hermon; porque, casto, sóbrio, pronto para o elã e afastado de todo excesso, ele era todo uma alma, “uma inteligência servida por órgãos”, segundo a célebre definição.

A disciplina do corpo e sua mortificação, juntamente com os cuidados necessários de que, por si mesmas, elas constituem a melhor parte: tal é, trabalhadores cristãos, e sobretudo vocês, homens jovens, uma das mais preciosas salvaguardas de seu futuro.

CAPÍTULO III

A ORGANIZAÇÃO DA VIDA

I. SIMPLIFICAR

Para que tudo em vocês se oriente para o trabalho, não lhes basta organizar-se por dentro, precisar sua vocação e administrar suas forças: é necessário ainda dispor sua vida, e com isto falo de seu ambiente, de suas obrigações, de suas vizinhanças, de seu cenário.

Uma palavra apresenta-se aqui antes de tudo: Simplifiquem. Vocês têm de fazer uma difícil viagem: não se sobrecarreguem de demasiada bagagem. Pode ocorrer que não estejam de todo no comando, e então de que serviria, pensem, legislar? Errado! Em uma mesma situação externa, um espírito de simplificação pode muito, e o que não se descarta exteriormente, sempre pode ser afastado de sua alma.

“Não atrelarás para arar o jumento com o boi”, diz a Lei: o trabalho pacífico e sábio não deve estar associado aos espasmos caprichosos e barulhentos de uma vida toda exterior. Certo ascetismo é sob esta forma ainda um dever do pensador. Religiosa ou laica, científica, artística, literária, a contemplação não se coaduna com os prazeres demasiado onerosos nem com as complicações. *“Os grandes homens têm leitos pequenos”*, observa Henri Lavedan. É preciso pagar pelo gênio a taxa de luxo. Os dez por cento desse privilégio não o arruinará; não é ele quem pagará, mas antes nossos defeitos, em todo caso nossas tentações, e o lucro será dobrado.

Para dar hospitalidade à ciência, não são necessários móveis raros nem uma criadagem numerosa. Muita paz, um pouco de beleza, algumas comodidades poupadoras de tempo, aí está tudo quanto é preciso.

Reduza sua vida social. Recepções, saídas que implicam novas obrigações, cerimônias de vizinhança, todo esse complicado ritual de uma vida artificial que tantos mundanos amaldiçoam secretamente não é coisa de um trabalhador. A vida mundana é fatal para a ciência. A ideia e a ostentação, a ideia e a dissipação são inimigas mortais. Quando pensamos no gênio, nunca o representamos num jantar.

Não se deixem arrastar por essa engrenagem que açambarca pouco a pouco o tempo, as preocupações, as disponibilidades, as forças. Os preconceitos não são seus ditadores. Sejam vocês mesmos seu próprio guia; obedçam a suas convicções, não a rituais, e as convicções de um intelectual devem referir-se a seu objetivo.

Uma vocação é uma concentração. O intelectual é um consagrado: que ele não vá dispersar-se em futilidades exigentes. Que ele lance todos os seus recursos ao fogo da inspiração, assim como Bernard Palissy sacrificava seus móveis. O trabalho e suas condições, aí está tudo quanto importa. O gasto e os cuidados desperdiçados em ninharias seriam muito mais bem utilizados em formar uma biblioteca, em fazer uma viagem instrutiva e ter férias repousantes, audições musicais que refrescam a inspiração, etc.

O que favorece sua obra é sempre oportuno; o que a entrava e os embaraça tem de ser excluído, pois, além dos inconvenientes imediatos, vocês são assim levados a procurar o ganho e desorientam seu esforço. O padre tem o direito de viver do altar, e o homem de estudo de sua obra; mas não se reza a missa por dinheiro, e não se deve por dinheiro pensar e produzir.

Se vocês são dos que têm de ganhar a vida fora do trabalho de eleição, como, se sua vida se sobrecarrega, preservarão as poucas horas de que dispõem? É o caso de reduzir ao mínimo a matéria, a fim de aliviar, de liberar o espírito.

A esse respeito, a esposa de um intelectual tem uma missão que talvez seja bom assinalar: se amiúde ela o esquecer e, em vez de ser a Beatriz, não sabe ser senão a maritaca tagarela e dissipadora!

Toda mulher deve desposar a carreira do marido; o centro de gravidade da família é sempre o labor do pai. Aí está a vida produtiva, e por conseguinte também o essencial do dever. Mas isso é tanto mais verdadeiro quanto mais nobre e laboriosa for a carreira abraçada. A vida em comum tem aqui por

centro um cume; a mulher deve instalar-se nele, em vez de buscar afastar dele o pensamento viril. Arrastá-lo para um nada sem relação com suas aspirações é fazer o marido desgostar-se dessas duas vidas que se contradizem entre si. Que a filha de Eva pense nisso e não dê razão mais que de direito ao "*divisus est*" de São Paulo. Se o homem casado é de certa forma "dividido", que ele seja também dobrado. Deus lhe deu *uma ajuda semelhante a ele*: que ela não se torne *outra*. Os conflitos ocasionados pela incompreensão da alma gêmea são fatais para a produção; fazem o espírito viver numa inquietude que o corrói; não lhe sobra nenhum entusiasmo nem nenhuma alegria, e como poderia um pássaro voar sem suas asas, e o pássaro e a alma sem seu canto?

Que a guardiã do lar não seja, assim, o gênio mau: que ela seja a musa. Tendo desposado uma vocação, que também tenha vocação. Realizar por si ou pelo marido – tanto faz! Ela contudo tem de realizar, já que constitui com aquele que realiza uma só carne. Sem precisar ser uma intelectual, e menos ainda uma mulher de letras ou uma metida a literata, ela pode produzir bastante ajudando seu marido a produzir, obrigando-o a controlar-se, a dar o máximo de si, ajudando-o a reerguer-se na hora das inevitáveis quedas, endireitando-o quando ele vacilar, consolando-o das decepções sem muita insistência para não ressaltá-las, acalmando-o na aflição, tornando-se sua grata recompensa depois da labuta.

Ao fim do trabalho, o homem está como que ferido; precisa ser abraçado e apaziguado: nada de pôr-se a pressioná-lo; ela deve relaxá-lo e encorajá-lo; que demonstre interesse pelo que ele faz; que lhe dê apoio no momento em que estiver esmagado por um desgaste talvez excessivo; em suma, que assuma o papel de mãe para ele, e esse indivíduo cheio de força, que agora é todo fragilidade, sentirá seu vigor ressurgir para enfrentar novos tormentos.

Quanto aos filhos, esta doce complicação deve servir para fazê-lo recobrar a coragem mais que para despojá-lo de seus recursos. Esses pequeninos lhe tomam muito para si mesmos, e de que serviriam se não conseguissem de vez em quando "deixá-lo maluco"? Mas eles lhe dão energia na mesma medida, ou quem sabe até mais, do que aquela que gastam; podem elevar sua inspiração ao misturá-la com alegria; refletem-lhe amorosamente a natureza e o homem, e defendem-no assim da abstração; trazem-no de volta ao real com respeito ao qual seus olhos inquisitivos lhe pedem um comentário

acurado. Sua fronte pura lhe apregoa a integridade, essa irmã do saber, e sua facilidade em acreditar, em ter esperança, em sonhar alto e em tudo esperar da paternidade que os guia não é também para você, pensador, uma elevação e uma razão para ter esperança? É-lhe dado ver uma imagem de Deus e um sinal de nossos destinos imortais nesse retrato do porvir.

Os que renunciaram à família no intuito de entregar-se por inteiro à sua obra e Àquele que a inspira estão no direito de felicitar-se, atribuindo o devido apreço às liberdades que são conferidas por esse sacrifício. Estes pensarão em seus irmãos cheios de incumbências repetindo-se a observação bem-humorada de Lacordaire acerca de Ozanam: “Há uma armadilha que ele não soube evitar – o casamento”. Mas o trabalhador comprometido em laços pode e deve fazer desses laços uma força, uma motivação para sua obra e uma das formas de seu ideal.

II. GUARDAR A SOLIDÃO

Na organização da vida, o ponto essencial por resguardar e em ordem ao qual se opta por todo o restante são as medidas que tomar interna e externamente em benefício da solidão. Santo Tomás atribui-lhe tal importância, que dos dezesseis conselhos ao intelectual sete dedica aos relacionamentos e ao retiro. “Quero que sejas lento para falar e lento para dirigir-te ao parlatório.” “Não te inquiras de nenhum modo sobre os atos de outrem.” “Mostra-te amável para com todos”, mas “não sejas demasiado familiar com ninguém, pois demasiada familiaridade gera desprezo e dá ensejo a muitas distrações.” “Não te imiscuas de nenhum modo em palavras e ações seculares.” “Evita acima de tudo os deslocamentos inúteis.” “Ama tua cela, se queres ter acesso ao celeiro de vinhos.”

O celeiro de vinhos de que aqui se fala, alusivamente ao *Cântico dos Cânticos* e ao comentário de São Bernardo, é o abrigo secreto da verdade, cujo cheiro atrai de longe a Esposa, isto é, a alma ardente; é o refúgio da inspiração, o lar do entusiasmo, do gênio, da invenção, da busca calorosa, é o palco dos jogos do espírito e de sua sábia embriaguez.

Para ingressar nessa morada, devem deixar-se de lado as banalidades, deve praticar-se o retiro, cujo símbolo é a cela monástica. “Nas celas, como ao longo dos grandes corredores”, escreve Paul Adam (*Dieu [Deus]*, p. 67), “o

silêncio assemelha-se a uma pessoa magnífica, trajada da brancura das paredes, a velar." Que está ela a velar, senão a prece e o trabalho?

Sejam, pois, lentos para falar e lentos para ir ao local onde se fala, porque muitas palavras fazem o espírito *esvair-se como água*; paguem com sua cortesia para com todos o direito de frequentar verdadeiramente apenas aqueles poucos com quem o relacionamento é proveitoso; evitem, mesmo com esses, uma familiaridade excessiva, que rebaixa e desorienta; não corram atrás das novidades que ocupam o espírito em vão; não cuidem de ações e de conversas *seculares*, isto é, sem repercussão moral ou intelectual; evitem os trâmites inúteis que desperdiçam as horas e favorecem a ociosidade do pensamento. Tais são as condições do recolhimento sagrado. Só assim é possível aproximar-se dos segredos reais que fazem a felicidade da Esposa; só mediante esse comportamento é possível apresentar-se com todo o respeito diante da verdade.

O retiro é o laboratório do espírito; a solidão interior e o silêncio são suas duas asas. Todas as grandes obras foram preparadas no deserto, incluindo a redenção do mundo. Os precursores, os continuadores, o Mestre submeteram-se ou devem submeter-se à mesma lei. Profetas, apóstolos, pregadores, mártires, pioneiros da ciência, inspirados de todas as artes, simples homens ou Homem-Deus, todos pagam tributo ao isolamento, à vida silenciosa, à noite.

É na noite astral e em sua vacuidade solene que o universo foi moldado pelo Criador: aquele que quiser desfrutar das alegrias da criação não deve apressar-se a pronunciar o *fiat lux*, nem sobretudo a passar em revista todos os animais do mundo; sob as sombras propícias, que tome, como Deus, todo o tempo de que precisar para preparar a matéria dos astros.

Os mais belos cantos da natureza ressoam à noite. O rouxinol, o sapo de voz de cristal, o grilo cantam à sombra. O galo proclama o dia e não fica a esperá-lo. Todos os anunciadores, todos os poetas, e também os catadores e pescadores de verdades avulsas têm de mergulhar na grande vacuidade que é uma plenitude.

Nenhum grande homem tentou escapar disso. Lacordaire dizia que ele tinha feito para si, em seu quarto, entre sua alma e Deus, "um horizonte mais vasto que o mundo" e tinha conseguido obter para si "as asas do repouso". Emerson proclamava-se "um selvagem". Descartes trancava-se em sua "estufa".

Platão havia declarado que consumia “mais azeite em sua lâmpada do que vinho em seu cálice”. Bossuet levantava-se à noite para seu encontro com o gênio do silêncio e da inspiração; os grandes pensamentos não lhe vinham senão longe do barulho e dos problemas fúteis. Não tem todo poeta a impressão de estar meramente traduzindo, em seus versos, as misteriosas revelações do silêncio, que ele ouve, segundo a expressão de Gabriele d’Annunzio, como a “um hino sem voz”?

O que realmente conta deve erguer uma barreira entre o pensador e o que não conta. A vida banal e os *ludibria* de que falava Santo Agostinho, os jogos e as brigas de criança que um beijo acalma, tudo isso deve cessar sob o beijo da musa, sob a carícia inebriante e apaziguante da verdade.

“Para que vieste”, perguntava-se a si mesmo São Bernardo acerca da clausura: *ad quid venisti?* E você, pensador, para que veio a essa vida fora da vida comum, essa vida de consagração, de concentração e, em decorrência, de solidão? Não terá sido em virtude de uma escolha? Não houve uma preferência pela verdade à mentira cotidiana de uma vida que se dispersa, ou até às preocupações elevadas, conquanto secundárias, voltadas para a ação? Desse modo, como mostrar-se infiel a seu culto, deixando-se absorver pelo que optou livremente por descartar?

Para que o Espírito nos leve às solidões interiores, como Jesus no deserto, temos de ofertar-lhe as nossas. Sem recolhimento não há inspiração. Mas sob o círculo de luz da lâmpada, como num firmamento, reúnem-se todos os astros do pensamento.

Quando a calma do silêncio sobe em nós e o fogo sagrado crepita por si, longe da barulheira das estradas, e quando a paz, que é *a tranquilidade da ordem*, instaura a ordem das ideias, dos sentimentos, das investigações, estamos na disposição máxima para a aprendizagem, podemos reunir e, a seguir, criar; estamos literalmente ao pé da obra: não é hora de dar ouvidos a choradeiras, de cuidar da vidinha enquanto o tempo voa e de vender o céu por nada.

A solidão proporciona-nos o contato com nós mesmos, contato tão indispensável se quisermos realizar-nos a nós próprios, ser já não o papagaio de um punhado de fórmulas que aprendemos, mas o profeta do Deus interior que com cada um fala uma linguagem única.

Retomemos longamente a ideia de uma instrução especial conferida a cada um, de uma formação que é uma *educação*, isto é, uma expansão de nossa alma, alma única e que não teve nem terá uma parelha nos séculos, pois Deus não se repete. Mas é preciso ter consciência de que não podemos sair assim de nós senão quando estamos vivendo com nós mesmos, de muito perto, na solidão.

O autor da *Imitação* dizia: “Nunca estive entre os homens sem ter regressado de lá menos homem”. Levem a ideia mais longe e digam: que eu não tenha regressado de lá menos homem do que sou, menos eu mesmo. Na multidão, nós nos perdemos, a menos que nos seguremos firmemente, e primeiro é necessário criar essa amarra. Na multidão, nós nos ignoramos, estando atravancados por um EU estranho a nós que é múltiplo.

“Qual é teu nome? – Legião”: esta seria a resposta do espírito dispersivo e dissipado na vida exterior.

Os higienistas recomendam para o corpo o banho de água, o banho de ar e o banho interior de água pura; eu acrescentaria para a alma o banho de silêncio, a fim de tonificar o organismo espiritual, de acentuar sua personalidade e de lhe dar dela um sentimento ativo, assim como o atleta sente seus músculos e prepara o jogo destes pelos movimentos internos que são a própria vida da musculatura.

Disse Ravignan: “A solidão é a pátria dos fortes, o silêncio é sua prece”. Que prece à Verdade, de fato, e que força de cooperação para sua influência, num recolhimento prolongado, frequentemente retomado, a horas certas, como que para um encontro marcado que se tornará pouco a pouco uma continuidade, uma vida estreitamente comum! Não se pode, diz Santo Tomás, contemplar o tempo todo; mas aquele que vive apenas para a contemplação, que orienta para ela todo o restante e a retoma assim que o consegue lhe dá uma sorte de continuidade tanto quanto pertence à terra. [21]

A doçura participará aí, pois a “cela onde nos detemos de modo adequado se torna doce: *cella continuata dulcescit*”. Ora, a doçura da contemplação faz parte de sua eficácia. O prazer, explica Santo Tomás, aperta a alma contra seu objeto, tal qual uma ferramenta de serrar; ele reforça a atenção e expande as capacidades de aquisição, as quais a tristeza ou o tédio comprimiriam. Quando a verdade nos capta e a plumagem de sua asa docemente se põe sob

nossa alma para erguê-la em harmoniosos impulsos, é hora de elevarmo-nos com ela e de planarmos, enquanto ela nos sustentar, nas altas regiões.

Nem por isso vocês se tornarão os isolados que condenávamos; não estarão mais distantes de seus irmãos por se terem afastado do barulho que eles fazem e que os separa deles espiritualmente, impedindo assim a verdadeira fraternidade.

O próximo, para você, intelectual, é o ser que necessita da verdade, como o próximo do bom Samaritano era o ferido na estrada. Antes de dar a verdade, adquira-a, e não jogue fora o grão de sua sementeira.

Se a palavra da *Imitação* é verdadeira, longe dos homens seremos mais homem e estaremos mais com os homens. Para conhecermos a humanidade e para a servirmos, é preciso que entremos dentro de nós, ali onde todos os nossos objetos ficam em contato conosco e tomam de nós tanto nossa força de verdade como nossa potência de amor.

Não nos podemos unir ao que quer que seja senão na liberdade interior. Deixarmo-nos dominar, perturbar, trate-se de pessoas ou de coisas, é trabalhar para desunir. Longe dos olhos, perto do coração.

Jesus bem nos mostra que podemos estar voltados inteiramente para dentro e inteiramente entregues aos outros, inteiramente aos homens e inteiramente em Deus. Ele guardou sua solidão; não tocou a multidão senão com uma alma de silêncio cuja palavra é como a porta estreita para as trocas da caridade divina. E que eficiência soberana, nesse contato que reservava tudo, exceto o ponto preciso pelo qual Deus podia passar e as almas podiam ir a seu encontro!

Não deveria precisamente haver lugar entre Deus e a multidão senão para o Homem-Deus e para o homem de Deus, para o homem da verdade e do dom. Aquele que se crê em união com Deus sem estar em união com seus irmãos é *um mentiroso*, diz o apóstolo; não passa de um falso místico e, intelectualmente, de um falso pensador; mas aquele que está unido aos homens e à natureza sem estar unido a Deus em segredo, sem ser cliente do silêncio e da solidão, não é mais do que o súdito de um reino de morte.

III. COOPERAR COM SEUS SEMELHANTES

Todas as nossas explicações bem mostram que a solidão cujo elogio acabamos de tecer é um valor que deve ser temperado por valores conexos, que o completem e o utilizem. Não defendemos a solidão à toa. O sacrifício dos relacionamentos e da simpatia de nossos irmãos vale uma compensação. Temos direito tão somente ao *esplêndido isolamento*. Ora, este não será tão mais rico, tão mais fecundo quanto o convívio superior buscado no retiro for favorecido por frequentações escolhidas e medidas com sabedoria?

A primeira frequência do intelectual, a que o qualificará segundo o que ele é, sem prejuízo de suas necessidades e de seus deveres de homem, é a frequência de seus semelhantes. Eu disse frequência, mas teria preferido dizer cooperação, pois frequentar-se sem cooperar não é agir de maneira intelectual. Mas quão rara é tal conjunção de espíritos, nesta época de individualismo e de anarquia social! O Padre Gratry deplorava-o; sonhava com Port-Royal e queria fazer do Oratório “um Port-Royal menos o cisma”. “Quanto trabalho poderíamos poupar-nos”, dizia ele, “se soubéssemos unir-nos ou ajudar-nos uns aos outros! Se, em grupos de seis ou sete, partilhando o mesmo modo de pensar, procedêssemos por ensinamento mútuo, tornando-nos recíproca e alternadamente aluno e mestre; se até, por não sei que feliz concurso de circunstâncias, pudéssemos viver juntos! Se, além das aulas da tarde e dos estudos dessas aulas, conversássemos no fim do dia, até à mesa, sobre todas essas belas coisas de modo que aprendêssemos mais sobre elas pela conversação e pela infiltração de ideias do que pelas próprias aulas!” [22]

As oficinas de outrora, e sobretudo as oficinas de arte, eram amizades, eram famílias: a oficina de hoje é um cárcere, ou então um *meeting*. Mas não chegaremos a ver, sob a premência da necessidade que pesa cada vez mais ao nosso redor, esse ateliê familiar ampliado, aberto para fora, e não menos concentrado que antigamente? Seria o momento certo para conceber e fundar a oficina intelectual, associação de trabalhadores igualmente entusiasmados e zelosos, livremente associados, vivendo na simplicidade, na igualdade, sem que nenhum deles tentasse impor-se aos demais, ainda que possuísse uma superioridade acatada por todos e que lhes fosse de grande valia. Alheios a rivalidades e ao orgulho, procurando apenas a verdade, os amigos assim reunidos seriam, se me é permitida a expressão, multiplicados um pelo outro, e

a alma comum experimentaria uma riqueza para a qual não haveria explicação suficiente em parte alguma.

É preciso ter uma alma tão forte para trabalhar sozinho! Ser por si só seu grupo social intelectual, seu encorajamento, seu apoio, encontrar num pobre querer isolado tanta força quanta pode haver num movimento de massa ou na áspera necessidade – que heroísmo! Tem-se primeiro o entusiasmo, mas depois, à medida que surgem as dificuldades, o demônio da preguiça nos diz: Para quê? Nossa visão do objetivo enfraquece-se; os frutos estão muito distantes ou parecem-nos amargos; temos a vaga sensação de estar sendo enganados. É certo que o apoio de outrem, os intercâmbios, o exemplo seriam contra este *spleen* de uma eficácia admirável; supririam em muitos indivíduos a deficiência no poder de imaginação e na constância de virtude de que só alguns dispõem e que são no entanto indispensáveis à perseguição perseverante de um grande fim.

Nos conventos onde não se fala, ou onde não se recebem visitas, a influência de uma fileira de celas laboriosas anima e ativa contudo cada asceta; esses alvéolos aparentemente isolados constituem uma colmeia; o silêncio é coletivo, e o trabalho é conjunto; a concordância das almas ignora as muralhas; paira um mesmo espírito, e a harmonia dos pensamentos eleva cada um deles como um motivo de sinfonia que a corrente geral dos sons sustenta e prolonga. Quando em seguida intervêm as trocas, o concerto enriquece-se; cada um expressa e escuta, aprende e instrui, recebe e dá, recebendo ainda mais segundo o que der – e talvez este último aspecto da cooperação seja o mais invejado.

A amizade é uma maiêutica; ela extrai de nós nossos mais ricos e nossos mais íntimos recursos; faz que se abram as asas de nossos sonhos e de nossos obscuros pensamentos; controla nossos julgamentos, experimenta nossas ideias novas, entretém o ardor e inflama o entusiasmo.

Há exemplos disso hoje em dia nos grupos de jovens e nas revistas jovens, onde adeptos convictos assumem uma tarefa e se dedicam a uma concepção. Os *Cabiers de la Quinzaine* nasceram desse voto, a *Amitié de France*, a *Revue des Jeunes*, as *Revue de Juvisy et du Saulchoir* imbuem-se disso cada dia mais. Ali não se convive o tempo todo, mas trabalha-se com um mesmo coração e chega-se a um acordo, retoma-se a coisa, é-se a um só tempo preservado e

provocado por um ambiente para o qual o essencial provém de um pensamento inovador ou de uma grande tradição.

Tentem, se puderem, agregar-se a uma irmandade desse tipo, ou até constituir uma se necessário for.

Em todo caso, mesmo em pleno isolamento material, procurem em espírito a convivência com os amigos da verdade. Unam-se ao grupo deles, sintam-se fraternalmente ligados a eles e a todos os pesquisadores, a todos os produtores que a cristandade congrega. *A Comunhão dos Santos* não é um falanstério, mas é uma unidade. *"A carne – por si só – não serve para nada"*; o espírito, por si só, pode alguma coisa. A unanimidade útil consiste menos em estar junto em um refúgio ou em um grupo etiquetado do que em esforçar-se cada um, com a sensação de que outros também se esforçam, em concentrar-se onde quer que se esteja, concentrando-se outros, de tal maneira que se cumpra uma tarefa, que presida um mesmo princípio de vida e de atividade, e que tenham a Deus por montador os componentes do relógio, para cada um dos quais um artesão em seu aposento volta uma atenção exclusiva.

IV. CULTIVAR AS RELAÇÕES NECESSÁRIAS

Disse eu também que a solidão do pensador não implica exclusão de seus deveres, nem esquecimento de suas necessidades. Há relacionamentos necessários. Já que são necessários, fazem parte de sua vida, mesmo como intelectuais, porque não apartamos o intelectual do homem. Cabe a vocês ligá-los à intelectualidade de modo tal que não só eles não a entrem, mas a sirvam.

Isso sempre é possível. O tempo dado ao dever ou à necessidade real nunca se perde; a preocupação que aí se investe é parte da vocação, e só se tornaria um inimigo da vocação se considerássemos esta última abstratamente, fora do âmbito da providência.

"Não se deve acreditar", escreve Maine de Biran em seu diário, "que o único e o melhor aproveitamento do tempo consiste num trabalho de espírito regular, constante e tranquilo. Todas as vezes que agimos bem, em conformidade com nossa situação atual dada, fazemos bom uso da vida."

Não se ponham a pensar que sua obra vale mais que vocês mesmos, e que mesmo um suplemento de possibilidades intelectuais possa prevalecer sobre o acabamento de seu ser. O que se deve e o que é necessário, façam-no; se sua humanidade o exige, ela saberá arranjar-se consigo mesma. O bem é irmão do verdadeiro: ele auxiliará seu irmão. Estar onde se deve estar, fazer ali o que se deve é preparar a contemplação, alimentá-la, e deixar Deus por Deus, como dizia São Bernardo.

É penoso sacrificar belas horas por relações e trâmites em si mesmos inferiores a nosso ideal; mas, já que o transcurso deste mundo, afinal de contas, é feito para aliar-se à virtude, é preciso pensar que acabará satisfeita a virtude, virtude intelectual ou virtude moral. Em certos dias, será unicamente através da moralidade que a intelectualidade considerará que a jornada foi ganha apesar de suas virtuosas concessões; em outras ocasiões, será por si mesma.

Pois não se esqueçam de que nos convívios, mesmo corriqueiros, sempre encontrarão algo que colher. Isolamento demasiado os empobreceria. Alguém escrevia recentemente: "A dificuldade dos romancistas em nossos dias me parece ser a seguinte: se eles não frequentam a sociedade, seus livros são ilegíveis, e, se a frequentam, já não têm tempo para escrevê-los". Angústia da medida, que encontra por toda parte! Mas, sejam romancistas ou não, vocês bem sentem que não podem fechar-se totalmente. Os próprios monges não o fazem. É preciso guardar, em função do trabalho, o sentimento da alma comum, da vida, e como poderiam tê-lo se, cortada a comunicação com os humanos, já não tivessem em vista senão uma humanidade de sonho?

O homem isolado em demasia torna-se tímido, abstraído, um pouco esquisito; ele cambaleia no real como um marinheiro recém-desembarcado; já não tem o senso do destino; parece olhar para outrem como para uma "proposição" por inserir num silogismo, ou como a um caso por anotar na caderneta de apontamentos.

A riqueza infinita do real também tem muito para instruir-nos; é preciso frequentá-la com espírito contemplativo, mas não desertá-la. E, no real, o que há de mais importante para nós não é o homem, o homem centro de tudo, fim último de tudo, espelho de tudo e que convida o pensador de toda especialidade a um confronto permanente?

Na medida em que se possa escolher, é preciso regrar-se de modo que se esteja quanto possível na vizinhança de pessoas superiores. Também a isso deve estar atenta a mulher do intelectual. Que ela não abra a porta de casa a esmo; que seu tato seja como um crivo; em vez da companhia das altas rodas, que ela estime a das almas elevadas; às pessoas que pretensamente têm muito espírito, que ela prefira pessoas de grande peso, instruídas e de juízo firme, sabendo que no mundo alguém se passa tão mais facilmente por espirituoso quanto mais radicalmente deu cabo de sua inteligência. Acima de tudo, que ela, por futilidade, por vaidade, por algum interesse sem maiores consequências, não arraste o marido à casa de gente tola.

Mas o que estou dizendo? Os próprios tolos também nos são úteis e nos ajudam a completar nossa experiência. Não os procurem: deles já há o bastante! mas daqueles que encontrarem saibam tirar proveito, intelectualmente, numa sorte de contraprova, e, humanamente, cristãmente, pelo exercício das virtudes de que eles são os clientes.

A sociedade é um livro a ler, apesar de ser um livro banal. A solidão é uma obra-prima; mas lembrem-se das palavras de Leibniz, que até do mais imprestável dos livros sempre conseguia tirar algum proveito. Não pensem sozinhos, assim como não pensem unicamente com a inteligência. Sua inteligência associa-se a suas outras faculdades, sua alma a seu corpo, e sua pessoa a suas relações; é tudo isso seu ser pensante: componham-no o melhor que puderem; mas que as próprias taras que ele apresentar, como as doenças que tiverem, se tornem valores por meio de alguma feliz indústria de sua grandeza de alma.

De resto, em seus relacionamentos, comportem-se de tal maneira que sempre seu espírito e seu coração dominem sua situação: assim não serão invadidos nem contaminados, caso o meio seja medíocre, e, se for nobre, não fará senão reforçar no interior de vocês os efeitos da solidão, sua ligação com a verdade e as lições que ela lhes prodigaliza.

Seria preciso que nossos contatos com o exterior fossem como os do anjo, que toca sem ser tocado, a não ser que ele o queira, e que dá e de quem não se toma nada porque pertence a outro mundo.

Pela moderação no que disserem, também conseguirão essa permanência do recolhimento e essa sabedoria nos intercâmbios das quais é tão urgente que estejam munidos. Falar para dizer o que deve ser dito, para expressar um sentimento oportuno ou uma ideia útil, e depois disso calar-se, é o segredo para resguardar-se sem deixar de comunicar-se, em vez de permitir que a chama se apague para depois acender outras.

É esse, de resto, igualmente o meio de dar peso à sua palavra. A palavra pesa quando se sente por baixo dela o silêncio, quando ela oculta e deixa adivinhar, por trás, um tesouro que ela libera progressivamente como convém, sem precipitação nem agitação gratuita. O silêncio é o conteúdo secreto das palavras que contam. O que faz o valor de uma alma é a riqueza do que ela não diz.

V. CONSERVAR A DOSE NECESSÁRIA DE AÇÃO

O que dizíamos das frequentações aplica-se à ação com poucos retoques. Trata-se sempre de dosar a vida interior e a exterior, o silêncio e o barulho.

A vocação intelectual, tomada em sentido estrito, é o contrário da ação; a *vida contemplativa* e a *vida ativa* sempre foram opostas sob o aspecto de saídas de pensamentos e de aspirações contrárias. A contemplação recolhe, a ação despende; uma chama a luz, a outra ambiciona o dom.

Para falar de modo geral, é evidentemente necessário resignar-se à partilha das tarefas, contente cada um por elogiar o que não faz, por amar em outrem os frutos daí resultantes e por desfrutá-los graças à comunhão das almas. Mas a vida real não dá margem a uma divisão tão rigorosa.

O dever pode forçar à ação como há pouco à sociedade, e ele deverá beneficiar-se de nossas observações. A ação regulada pela consciência prepara esta mesma consciência para as regras da verdade, predispõe-na ao recolhimento quando for chegada a hora, une-a à Providência que é também fonte de verdade. O pensamento e a ação têm o mesmo Pai.

Em seguida, mesmo sem obrigação, sempre é indispensável ao pensador reservar uma parte de seu tempo e de seu coração à vida ativa. Esta parte às vezes é bem reduzida; no sábio nunca é nula. O monge dedica-se a trabalhos manuais ou a obras de zelo; o grande médico tem sua clínica, seu hospital; o

artista tem suas exposições, seu meio, suas turnês ou suas conferências; o escritor é solicitado de tantas formas que não comprometer-se com nenhum projeto exigiria demasiado esforço.

Tudo isso está muito bem. Pois neste mundo cada coisa tem sua medida, e pois a vida interior há de ter a sua. Ela quer que a ação fique limitada e abra espaço para a solidão, porque a ação externa agita a alma, que o silêncio apazigua; mas o silêncio levado longe demais provoca, por sua vez, agitação; o refluxo do homem todo para a cabeça causa desorientação e vertigem; é indispensável à vida cerebral alguma diversão; é-nos imprescindível o calmante da ação.

Há para tanto razões fisiológicas em que não vou entrar; as razões psicológicas têm aí seu ponto de apoio e até sua origem, pois, sendo a alma distinta do corpo, não conheceria o cansaço. Mas o composto animado cansa-se do repouso tanto quanto do dispêndio; ele requer um equilíbrio cujo centro de gravidade pode, aliás, deslocar-se e variar de um para outro. O corpo que se imobiliza demais atrofia-se e enerva-se; a alma que o imita enfraquece-se e corrói-se. De tanto cultivar o silêncio, chegar-se-ia ao silêncio da morte.

Por outro lado, a vida intelectual necessita do alimento dos fatos. Encontram-se fatos nos livros; mas todo o mundo sabe que uma ciência puramente livresca é frágil; padece do defeito do abstrato; perde contato, e por conseguinte oferece ao raciocínio uma matéria excessivamente quintessenciada, quase ilusória. "Tu és um balão cativo", dizia de si para si Amiel, "não deixes que se desgaste o barbante que te liga à terra."

Santo Tomás dedica um artigo da *Suma* a provar a necessidade de apoiar-se no real para julgar, porque, diz ele, o real é o fim último do juízo; ora, o fim, ao longo de todo o caminho, deve dar sua luz. [23]

As ideias estão nos fatos, não vivem por si próprias, como acreditou Platão: esta visão metafísica tem consequências práticas. Na qualidade de homem de pensamento, é preciso manter-se nas proximidades do que é, porque do contrário o espírito vacila. O sonho seria outra coisa que um pensamento cuja comunicação com o exterior está cortada, um pensamento que já não quer? O sonho inconsistente é um recife no oceano do pensamento puro; é preciso evitá-lo como uma causa da impotência e da queda. O

pensamento apoia-se nos fatos como o pé no solo, como o enfermo em suas muletas.

A dose de ação recomendada ao pensador terá, pois, a vantagem de estabilizar-lhe o espírito. Terá igualmente a de enriquecê-lo. Quantas experiências a vida nos propõe todo dia! Nós as deixamos passar, mas um pensador profundo as recolhe e com elas compõe seu tesouro; seus quadros espirituais serão pouco a pouco preenchidos com elas, e suas ideias gerais, por um lado controladas, serão além disso ilustradas por uma documentação viva.

A ideia, em nós, privada de seus elementos tirados da experiência, de seus *fantasmas*, não é senão um conceito vazio, que até já nem se percebe. Na medida em que os fantasmas são ricos, o pensamento é amplo e forte. Ora, a ação encontra por toda parte em seu percurso elementos assimiláveis e “episódios de vida” que serão a representação de suas ideias abstratas. Encontra até mais do que consegue contar, pois o real é uma espécie de infinito que nenhuma análise, nenhum cômputo racional esgota.

Ponham um artista diante de uma árvore e ele fará dela esboços indefinidamente, sem que jamais tenha pensado em reproduzir inteiramente o que a natureza exprime; ponham-no diante um esboço de árvore, ou até diante da árvore de um Claude Lorrain ou de um Corot, e, quando ele o tiver conscienciosamente copiado, terá esgotado o modelo

O individual é inefável, diziam os antigos filósofos. O individual é o real, por oposição aos temas do espírito. Ao mergulharmos no real pela ação, encontramos nessa matéria novas formas, como o artista, ao executar, alimenta sua concepção, a retifica e a remata.

Finalmente, esse instrutor que é a ação é ao mesmo tempo um professor de energia, cujas lições não serão inúteis a um solitário. Por suas propostas e por suas resistências, por suas dificuldades, por seus reveses, por seus sucessos, pelo tédio e pela lassidão que ela obriga a vencer, pelas contradições que ela não deixa de suscitar e pelas novas necessidades que desperta, ela estimula-nos e revigora nossas forças; sacode essa preguiça fundamental e essa orgulhosa quietude, que não são menos hostis ao pensamento do que às realizações.

As virtudes de fora virão assim em socorro das de dentro; a investigação ativa será proveitosa para o recolhimento; a colheita do néctar terá preparado o mel. O pensamento, alternadamente mergulhado em dois abismos, o do real e o do ideal, fortalecido por uma vontade experimentada, instruído e prevenido pelas *razões do coração* que a ação coloca incessantemente em questão, será uma ferramenta de pesquisa e outro árbitro da verdade para além da razão empoleirada na *árvore de Porfírio*.

Eu gostaria de ver nosso homem de estudo engajado a todo instante em alguma atividade pouco onerosa, à qual ele dedicasse um tempo bem delimitado, sem ceder ao arrebatamento, conquanto interessando-se, e de todo o coração, por resultados que para ele não devem ser como a lenha que certos indivíduos vão cortar para repousar a cabeça. Agir sem se entregar por inteiro à ação não é agir como homem, e nem o descanso do homem, nem sua instrução, nem sua formação podem resultar disso. Aí está por que, se vocês já não contam com algumas dessas que simplesmente se impõem, procurem causas que os apaixonem porque são de grande valia, obras de luz, de construção, de preservação, de progresso, ligas pelo bem público, associações de defesa e de ação social, todos empreendimentos que querem seu homem, se não quanto à sua vida inteira, pelo menos quanto ao seu ser completo. A isso entreguem-se nas horas em que a inspiração lhes concede ou até lhes impõe uma pausa bem-vinda também para ela mesma. Depois disso, estarão prontos para retornar a ela, e o céu onde ela os introduz lhes será tanto mais doce quanto mais tiverem experimentado, junto com seus tesouros, os perigos, as lamas e as asperezas da terra.

VI. MANTER EM TUDO O SILÊNCIO INTERIOR

Parece-me resultar disso tudo que a solidão útil, o silêncio, o retiro do pensador são realidades mitigadas, mas fundamentadas num espírito com alto grau de exigência. É em respeito ao retiro, ao silêncio e à solidão íntima que a ação e as frequentações são toleradas, e é em função deles que são dosadas. Assim deve ser, se verdadeiramente o intelectual é um consagrado, e se *não se pode servir a dois senhores*.

O espírito de silêncio será, pois, exigido onde quer que se esteja. É sobretudo ele o que importa. Diz-se às vezes que a solidão é a mãe das obras. Não, mas sim o estado de solidão. Tanto é assim que podemos, a rigor, conceber uma vida intelectual fundada num trabalho de duas horas por dia. Pensar-se-ia que, estando salvas essas duas horas, é possível conduzir-se em seguida como se elas não existissem? Seria um erro de entendimento muito grave. Essas duas horas são dadas à concentração, mas nem por isso é menos requerida a consagração de toda a vida.

Um intelectual deve ser intelectual o tempo todo. O que São Paulo sugere ao cristão: *Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo pela glória de Deus*, deve aplicar-se ao cristão em busca de luz. A glória de Deus é para ele a verdade: ele deve pensar nela onde quer que esteja, submeter-se a ela em tudo. A solidão que lhe é recomendada é menos uma solidão de lugar do que uma solidão de recolhimento; é elevação mais que afastamento; consiste em isolar-se pelo alto, graças ao dom de si às coisas superiores e mediante a fuga das leviandades, das divagações, da mobilidade e de toda vontade caprichosa; realiza a *conversatio nostra in caelis* do apóstolo ao levar nossa morada e nosso comércio ao céu dos espíritos.

Ficar em casa e entregar-se a um falatório interior, ao embate dos desejos, à exaltação do orgulho, à corrente de pensamentos que introduzem em nós um meio exterior absorvente e repleto de discórdia seria de fato isso a solidão? Há uma falsa solidão assim como há uma falsa paz. Em contrapartida, sair e agir por dever, por sabedoria ou pelo propósito de distrair-se, cuja necessidade voltaremos a defender mais adiante, pode constituir uma solidão superior, que alimenta e tonifica a alma em vez de diminuí-la.

O que Santo Agostinho chama "pureza da solidão" pode manter-se em toda parte; sua impureza pode manchar até seu próprio refúgio. "Tu podes estar numa cidade", escreveu Platão, "como um pastor em sua cabana no alto de uma colina." Tenham a inspiração interior, o comedimento, o amor daquilo a que se entregaram, tenham com vocês o Deus da verdade, e estarão sozinhos em pleno universo.

CAPÍTULO IV

O TEMPO DO TRABALHO

I. O TRABALHO PERMANENTE

De muitas maneiras tivemos já de definir a lide intelectual; é contudo necessário examinar mais de perto suas diversas condições e antes de tudo o tempo que o pensador lhe dedica.

O estudo já foi denominado *uma oração à verdade*. Ora, a oração, diz-nos o Evangelho, jamais deve ser interrompida: "*É preciso orar a todo momento e não desfalecer*" (Lucas XVIII, 1). Bem sei que se pode compreender esse texto com benignidade; ele quereria então dizer: não passem nenhum dia, semana, longo período sem se dirigir a Deus. Mas nossos doutores evitaram estreitar a esse ponto tão grande dito; tomaram-no ao pé da letra e dele tiraram uma doutrina profunda.

A oração é a expressão do desejo; seu valor é constituído por nossa aspiração interior, por seu teor e por sua força. Retirem o desejo, e a oração deixa de ser; alterem-no, e ela muda; reforcem ou atenuem sua impetuosidade, e a oração alça voo ou perde as asas. Inversamente, suprimam a expressão deixando intocado o desejo, e a oração, sob muitos aspectos, permanece intata. Uma criança que nada diz mas fita com um olhar ardente o brinquedo de uma vitrine, depois olha para a mãe que sorri, não terá formulado a mais comovente das orações? Ainda que não tivesse visto nada, o desejo do jogo, inato na criança como a sede de agir, não constitui para os seus uma oração permanente que eles satisfarão?

É preciso orar a todo momento equivale pois a dizer: a todo momento é preciso desejar as coisas eternas, as coisas do tempo as servem, o pão cotidiano de

toda natureza e de toda oportunidade, a vida em todas as suas amplitudes, terrestres e celestes.

Apliquem esse comentário à oração ativa do estudo e entrarão numa consideração extremamente valiosa. O pensador é um consagrado; ele, todavia, é um pensador em atividade apenas durante muito poucas horas. Carlyle dizia: "Não creio que literato algum tenha dedicado à literatura a quinta parte de seu tempo". Porque a maior parte de sua vida está assim em nível médio ou baixo, o homem das alturas é obrigado a tornar a descer e inclinar-se: que ganho, se ele pudesse não dobrar-se por completo!

Como a oração pode durar o tempo todo, porque é um desejo e porque o desejo se mantém: por que o estudo não duraria o tempo todo, ele que também é um desejo e um apelo ao verdadeiro?

O desejo de saber define nossa inteligência sob o aspecto de potência de vida. Instintivamente nós queremos conhecer do mesmo modo como pedimos pão. Se a maioria dos homens se demora em desejos mais terrenos, o pensador possui a particularidade de que o desejo de saber o obceca: por que não fazer que esse desejo trabalhe, quer dizer, trabalhe constantemente, como um curso de água sob o qual se instalaram turbinas?

Isso é viável, e a psicologia no-lo mostra, tanto quanto a experiência. O cérebro trabalha o tempo todo; as turbinas que reclamo existem, giram, acionam um mecanismo de rotação do qual as ideias escapam como centelhas de um dínamo funcionando em potência máxima. Os processos nervosos encadeiam-se numa série contínua e não cessam mais do que os batimentos do coração ou a respiração em nosso peito. O que falta para fazer uso dessa vida permanente em benefício da verdade? Unicamente disciplina. É preciso que os dínamos estejam acoplados às turbinas, as turbinas ligadas à corrente; é preciso que o desejo de conhecer acione regularmente, e não de modo intermitente, o funcionamento cerebral consciente ou inconsciente.

A maior parte de nossa atividade nervosa não serve para nada, porque não é captada. Para dizer a verdade, ela não pode sê-lo inteiramente, pois nosso poder sobre ela é relativo, e, forçando o rendimento, se quebraria a máquina; mas pouquíssimos são os que procuram o possível; o hábito tem nisso um peso determinante; quando bem estruturada, ela age como uma segunda natureza, e é aqui que nossos conselhos práticos encontram seu lugar.

“Quanto puderes”, diz Santo Tomás ao estudioso, “esforça-te por guardá-lo no cofre do espírito, como aquele que tenciona encher um vaso.” Voltaremos a essa comparação, que poderia prestar-se a uma interpretação equivocada; mas trata-se aqui da preocupação por adquirir, não do meio para tal. O que importa ao homem da verdade é compreender que a verdade está em toda parte, e que ele deixa passar sua corrente contínua sem aproveitá-la para ativar sua alma.

A sabedoria clama nas ruas, diz a Bíblia; ela eleva a voz nas praças públicas, prega à entrada dos lugares ruidosos; às portas da cidade, dá a ouvir sua voz: até quando, ó ignorantes, amareis vossa ignorância?... Converti-vos... e espalharei sobre vós meu espírito... estendo a mão e ninguém me dá atenção (Provérbios I, 20-24). Esse premente apelo à verdade, se se lhe dessem ouvidos, expandiria o espírito e o enriqueceria mais que muitas sessões de trabalho. Estas permaneceriam necessárias; mas a luz que nelas se concentra ir-se-ia expandindo de modo que recobrisse quase a vida inteira; estabelecer-se-ia uma corrente e lançaria luz sobre os resultados do pensamento difuso, levando-os depois de volta a este último para dar-lhe orientação, um alcance que se tornaria habitual e, conseqüentemente, fecundidade.

Vejam o que acontece quando querem vocês mobiliar um apartamento. Até então nem sequer pensavam nos móveis, tanto que, ao circular nas ruas de Paris onde de cada quatro lojas uma é de antiguidades, nem reparavam nelas; as formas que nelas havia não lhes chamavam a atenção; as tendências da moda eram-lhes desconhecidas, e também as chances de fazer grandes achados, a especialidade de tal ou qual bairro, as faixas de preços, etc. Pelo contrário, com o espírito em estado de alerta por meio do desejo, tudo os marca, tudo os detém; Paris passa a ser uma vasta loja, e em uma semana aprendem o que uma vida inteira não teria podido ensinar-lhes.

A verdade é mais difundida que os móveis. Ela grita pelas ruas e não nos desleixa mesmo quando nós a desleixamos. As ideias estão nos fatos; estão também nas conversas, nos acasos, nos espetáculos, nas visitas e nas perambulações, nas leituras mais corriqueiras. Tudo contém tesouros, porque tudo está em tudo e algumas leis da vida ou da natureza governam todo o restante.

Newton teria descoberto a gravitação se a atenção que ele dava ao real não o tivesse prevenido e predisposto a notar que as maçãs caem como os

universos? As leis da gravitação dos espíritos, as leis sociológicas, filosóficas, morais, artísticas não são menos aplicadas por toda parte. Pode nascer um grande pensamento a respeito de todo e qualquer fato. Em toda contemplação, ainda que seja de uma mosca ou de uma nuvem passando, há oportunidade para reflexões sem fim. Toda réstia de luz pode levar ao sol; toda passagem aberta é um corredor para Deus.

Ora, essas riquezas nós as poderíamos captar se estivéssemos presentes. Encarando tudo dentro de um estado de espírito voltado para a inspiração, veríamos por todo lado ensinamentos, profecias da verdade ou confirmações, pródromos e conseqüências. Mas na maioria das vezes não estamos presentes, ou nossa atenção está ausente. "Todo o mundo olha para o que eu olho", dizia Lamennais em Saint-Malo, diante do mar revolto; "mas ninguém vê o que eu vejo."

Adquiram então o hábito de estar presentes nesse jogo do universo material e moral. Aprendam a olhar; confrontem o que se lhes apresenta com suas ideias familiares ou secretas. Não vejam numa cidade unicamente casas, mas vida humana e história. Que um museu não lhes mostre quadros, e sim escolas de arte e de vida, concepções do destino e da natureza, orientações sucessivas ou variadas da técnica, do pensamento inspirador, dos sentimentos. Que uma oficina não lhes fale somente de ferro e de madeira, mas da condição humana, do trabalho, da economia antiga e recente, das relações de classes sociais. Que as viagens lhes ensinem a humanidade; que as paisagens lhes evoquem as grandes leis do mundo; que as estrelas lhes falem das durações incomensuráveis; que os pedregulhos do caminho representem para vocês resíduos da formação da Terra; que a visão de uma família se una em vocês à das gerações, e que o menor relacionamento lhes traga informações sobre a mais elevada concepção do homem. Se não souberem olhar assim, não se tornarão ou não serão mais que um espírito banal. Um pensador é um filtro em que a passagem das verdades deposita sua melhor substância.

Aprendam a escutar e escutem, primeiramente, a quem quer que seja. Se é no mercado, como pretendia Malherbe, que se aprenda sua língua, também no mercado, isto é, na vida cotidiana, pode-se aprender a linguagem do espírito. Um sem-número de verdades circulam nos discursos mais simples. A mais ínfima palavra escutada com atenção pode ser um oráculo. Um lavrador

revela-se em certos momentos muito mais sábio que um filósofo. Todos os homens são iguais ao fazer que tudo reflua para o fundo de si mesmos, e, se alguma impressão profunda, um retorno instintivo ou virtuoso à simplicidade de origem afasta as convenções, as paixões que comumente nos furtam a nós próprios ou aos outros, ouve-se sempre um discurso divino quando um homem fala.

Em cada homem está o homem todo, e uma profunda iniciação pode advir-nos disso. Se vocês fossem romancistas, não perceberiam o que aí poderiam aproveitar? O maior dos romancistas se forma na soleira das portas, e o menor na Sorbonne ou nos salões. Com a diferença que, em vez de imiscuir-se, o grande observador se reserva, vive de si para si, ascende, e a vida mais ínfima se lhe apresenta como um grande espetáculo.

Ora, o que o romancista procura pode servir para todos, pois todos precisam dessa profunda experiência. O pensador só é verdadeiramente pensador se encontra na mais leve das impulsões vindas de fora a oportunidade para uma propulsão sem fim. Está em seu caráter conservar por toda a vida a curiosidade da infância, a vivacidade de suas impressões, sua tendência a ver tudo do ângulo do mistério, sua admirável faculdade de encontrar por toda parte surpresas produtivas.

Contudo, fiquem à espreita muito especialmente quando tiverem a felicidade de ter um encontro com alguém que sabe e que pensa. Que tristeza é ver os homens da elite ser tão pouco úteis a seu *entourage*! São praticamente assimilados aos débeis mentais; aproveita-se deles o que eles têm de comum, não o que possuem de raro. Está aí um tesouro, e fica-se brincando com a chave sem abrir. Sorri-se às vezes de sua falta de jeito, de suas pequenas esquisitices de pessoas abstraídas, e isso é algo bem inocente; mas o que é tolo é assumir um ar de superioridade que esquece o grande ser.

Os grandes valores já são suficientemente dispersos para que sejam deixados assim sem proveito. Eles aproveitam-se a si próprios, e todo o mundo tira deles proveito sem se dar conta; mas, caso alguém se dê conta, recebe deles uma instrução e uma impulsão que decidirão o rumo de toda a sua existência. Um bom número de santos, de grandes capitães, de exploradores, de cientistas, de artistas o foram por ter encontrado uma personalidade eminente e ouvido o som de uma alma. Os ecos desse chamado silencioso

fizeram-se ouvir neles até o fim de sua vida, e era um clamor que os fazia ir em frente; carregava-os uma correnteza invisível. A palavra de um grande homem, como a de Deus, é às vezes criadora.

Mas é sabido que os grandes homens só o são após a morte. A maioria não os reconhece. Alguém que talvez valha tanto quanto Descartes está sentado a seu lado, e vocês não o escutam, não o interrogam, discutem com ele de modo provocador, cortam-lhe a palavra para dizer bobagens. E, se ele não tem essa altura, sendo porém um grande espírito, por que o deixam silenciosamente enterrar ou levar embora sua riqueza?

Observando e escutando – não menciono a leitura, pois ainda voltaremos a este tópico – aprenderão a refletir, farão seu e adequarão às suas necessidades o que tiverem adquirido. As grandes descobertas resumem-se a reflexões sobre fatos comuns a todos. Passaram miríades de vezes sem que nada se visse, e, um dia, o homem de gênio observa as amarras que ligam ao que ignoramos o que está sob nossos olhos a todo instante. O que é a ciência, senão a cura lenta e progressiva de nossa cegueira? É bem verdade que a observação precisa ser preparada por estudos e por soluções anteriores. Encontra-se o que se procura. Só é dado a quem já possui. É por isso que eu falava de um vaivém entre as luzes de dentro e as de fora. De qualquer maneira, o espírito deve estar numa disposição permanente para refletir, como numa disposição permanente para ver, para ouvir, para atirar na presa em pleno voo, como um bom caçador.

Sejamos ainda mais precisos e digamos que esse despertar do espírito pode resultar em proveito não apenas de nossa cultura geral mas também de nossa especialidade, e também de nosso estudo atual, de nosso trabalho em andamento. Levem seus problemas consigo. O cavalo de aluguel faz a sua corrida e volta para sua baia; o corcel livre vive com as narinas ao vento.

Já que a verdade está por toda parte, e já que tudo está interligado, por que não estudar cada questão com base em tudo quanto esteja relacionado com ela? Tudo deve alimentar nossa especialidade. Tudo deve vir testemunhar a favor ou contra nossas teses. O universo é em grande parte o que nós fizemos dele. O pintor vê por todo lado tão somente formas, cores,

movimentos, expressões; o arquiteto equilibra massas; o músico capta ritmos e sons, o poeta temas de metáforas, um pensador ideias em ato.

Não há nada aqui que remeta a um particularismo restrito; trata-se de método. Não se pode levar tudo adiante ao mesmo tempo. Guardando um olho para a livre observação, dedicamos a uma investigação particular a atenção sobressalente e, "pensando sempre no assunto", como Newton, fazemos a coleta de elementos para uma obra.

Ter sempre pensamentos em expectativa: aí está o grande segredo. O espírito do homem é um ruminante. A besta olha ao longe, masca lentamente, arranca um tufo aqui, colhe um raminho ali, fica com o prado todo para si, e também o horizonte, compondo com um seu leite, com o outro sua alma obscura.

Ensinam-nos a viver na presença de Deus: não podemos também viver na presença da verdade? A verdade é como que a divindade especial do pensador. Tal verdade específica ou tal objeto de estudo podem estar presentes a nós a todo momento. Será sábio, será normal deixar o homem de pesquisa em seu gabinete de trabalho ter, desse modo, duas almas: a do trabalhador e a do *bon-vivant* dado a perambulações? Esse dualismo não é natural; leva a pensar que a busca da verdade é para nós um ofício, em vez de uma nobre paixão.

Há tempo para tudo, diz a Bíblia, e tenho de reconhecer que não podemos evitar dividi-lo; mas, já que, na realidade, pensamos o tempo todo, por que não empregarmos esse pensamento em benefício daquilo que nos inquieta?

Dir-se-á que tal tensão é incompatível com a saúde cerebral e com as condições da vida? Certo. Sucede porém que não se trata de tensão, e nem sequer, em geral, de vontade efetiva. Falei de hábito. Falemos, se preferirem, de subconsciência. Nosso espírito tem o poder de funcionar sem nós, se lhe prepararmos, por pouco que seja, suas tarefas e traçarmos ligeiramente o mapa dos canais onde suas correntes obscuras se introduzirão.

O desejo de saber está bem ancorado em vocês, a paixão da verdade está acesa, tendo-se amiúde voltado sua atenção consciente para os fatos da vida próprios a entreter o fogo e a satisfazer o desejo? Transformem então seu espírito num sabujo perpetuamente empenhado em caçar. Já não é algo penoso

para ele; ele está apenas obedecendo a uma nova natureza. Vocês pensam já tão facilmente em dada direção quanto antigamente o faziam ao acaso.

Essa direção sem dúvida não passa de algo aproximativo, e ficarem em estado de tensão máxima seria um absurdo; mas conviria recusar o que tem probabilidade de ser pautando-se pelo que não tem? Têm a seu dispor um recurso imenso; empregam-no estabelecendo um pouco de disciplina num trabalho cerebral que se realiza, mas sem sua participação e de modo anárquico. Regulem esse trabalho, e que seu cérebro, também ele, seja um intelectual.

Com a prática, notarão que isso não cansa nem um pouco, que isso, pelo contrário, poupa muito cansaço; pois os achados feitos assim ao acaso do olhar, sem tê-los buscado, simplesmente por se estar resolvido e treinado para não ser cego, essas invenções, portanto, amiúde as mais felizes porque espontâneas, encorajam sobremaneira o pesquisador; mantêm-nos em estado de prontidão e de otimismo; ele espera com alegria a hora do recolhimento em que poderá registrar e desenvolver sua descoberta.

Diversas vezes obterão dessa maneira a conexão difícil, a saída que teriam procurado em vão à escrivaninha, bloqueados num ponto de vista e sem poder sair dele. O que não tinha a menor relação com o trabalho leva a alguma coisa que se torna sua base. A ciência laboriosa ficará com isso inteiramente iluminada; saberão aonde estão indo e terão esperança de ser contemplados em breve com um novo golpe de sorte.

Esse procedimento ao acaso condiz com as contingências cerebrais e com o processo obscuro da associação de ideias. Toda uma série de leis se aplica aqui, sem que haja lei para sua aplicação a esta ou àquela, em tal ou qual hora, tudo isso articulando-se sem nossa participação – quer dizer, independentemente de nossa vontade expressa, sob a exclusiva impulsão do desejo, que é a alma do pensador e que o qualifica como o jogo caracteriza a infância, como o amor à mulher –, e isso não é a sobrecarga que se crê.

Uma mulher cansa-se, durante um passeio, de ficar espiando a homenagem dos passantes a ela, ou uma moça de esperar a oportunidade para dar uma gargalhada, ou um rapazinho para sair pulando? O espírito que está à espreita da verdade por amor, não por imposição, por uma tendência primeiramente instintiva, depois provavelmente cultivada, mas amorosamente,

apaixonadamente, tampouco sofrerá. Ele brinca, ele caça, ele pratica algum esporte útil e inebriante, ele ama, e nada está mais distante do esforço específico e voluntário das horas de concentração.

Assim, o sábio circula chova ou faça sol e por toda parte com um espírito já amadurecido para aquisições que o vulgo nem nota. A mais obscura das ocupações é para ele o prolongamento da mais sublime; suas visitas formais são investigações proveitosas; seus passeios, explorações; suas audições e respostas silenciosas, um diálogo que a verdade mantém nele consigo mesma. Em todos os lugares seu universo interior se confronta com o outro, sua vida com a Vida, seu trabalho com o incessante trabalho dos seres, e ao sair do espaço exíguo onde se concentra seu estudo tem-se a impressão não de que ele está abandonando o verdadeiro, mas de que ele escancara sua porta para que através dela o mundo empurre até ele todo o verdadeiro que se despende durante suas potentes movimentações.

II. O TRABALHO À NOITE

O padre Gratry recomendou com insistência que não se excluísse do trabalho permanente as horas de letargia e de trevas. Ele quer que se obrigue a noite a trabalhar. Esse conselho se baseia na psicologia e na experiência.

O sono é uma descontração; é a abdicação do querer consciente que já não pensa em viver, nem propõe nenhum fim e se encontra assim entregue em grande parte à natureza geral. Não é um símbolo gratuito a atitude do dormente deitado, em contato com a terra, como se dissesse à natureza: Retoma-me; já por tempo suficiente resisti a tuas potências; combati, de pé, teu determinismo nivelador; à equalização das forças que é a lei deste mundo perecível eu opus o sobressalto da vida: eu me rendo, agora, até a hora de novamente lutar.

Estando a vida fervorosa assim suspensa, tendo a correia de transmissão do motor humano passado da liberdade individual à liberdade das forças cósmicas, resulta daí um novo funcionamento que tem suas leis próprias, que segue caminhos ignorados da consciência clara e que realiza combinações alheias às vontades e aos caprichos clarividentes. Nossas forças interiores agrupam-se; nossos pensamentos organizam-se; aí se produzem cruzamentos; a

energia abandonada pela ação aplica-se em paz. Saber fazer uso desse trabalho sem perturbar-lhe os ritmos é para o pensador uma nova riqueza.

Não se tratará de ficar em vigília; pelo contrário: o noctâmbulo é um mau trabalhador; pedimos no tocante a esse ponto obediência à higiene geral, que deveria antes, no que diz respeito ao homem de estudo, agravar suas pretensões. Mas o sono, em si, é um trabalhador, um sócio da lide diurna; podem-se domesticar suas forças, utilizar suas leis, aproveitar essa filtragem, essa clarificação que se opera nos momentos de abandono noturno.

Um trabalho cerebral começado, uma ideia engatilhada, ideia que um incidente de dentro ou de fora tinha impedido de eclodir plenamente ou de achar seu devido lugar, agora se desenvolve e se engrena: não percam essa oportunidade de um bom ganho; recolham, antes que ela torne a mergulhar na noite mental, essa claridade que pode ser-lhes de grande auxílio.

Para tal, como deverão proceder? Em certas circunstâncias, não se requer nenhuma tática especial. Ao despertarem, encontra-se já pronta e registrada a colaboração do sono. O trabalho da véspera lhes aparecerá sob uma luz mais límpida; um novo caminho, uma região virgem está à sua frente; conexões entre ideias, fatos, expressões, uma feliz comparação, uma imagem esclarecedora, um trecho inteiro talvez ou um plano de realização completo terão surgido. O todo aí está, bem lúcido; bastará utilizar, a seu tempo, o que Hipnos dignou-se a efetuar para vocês.

Mas ordinariamente a coisa se dá de modo completamente diferente. A natureza não está às nossas ordens; ela segue seu caminho; seu rio arrasta ouro; mas cabe a nós recolhê-lo e não deixar afundar-se o que carregam suas águas opulentas.

Muito amiúde, clarões ocorrerão durante uma insônia de alguns minutos, quem sabe até de um segundo apenas: é preciso conservá-los. Confiá-los ao cérebro relaxado seria imprimi-los em água; há grandes chances de que o dia seguinte nem sequer guarde o vestígio de um vago incidente.

Assim, façam melhor. Tenham à mão um bloco de anotações ou uma caixa de fichas. Anotem sem tentar ficar demasiado despertos, sem acender a luz na medida do possível, e tornem a mergulhar em suas sombras. Aliviar assim o pensamento será provavelmente um meio de favorecer o sono em vez de perturbá-lo. Se disserem: eu me lembrarei, quero lembrar-me, essa vontade

se torna inimiga do repouso bem mais que um rápido rabisco. Não esqueçam que o sono é uma descontração do *querer*.

Em outras ocasiões, é pela manhã, ao despertarem, que vêm as luzes. Vocês abrem os olhos, e dir-se-ia que o olho interior também se abre, ilumina-se ante um mundo novo. A Terra girou; os céus da inteligência já não apresentam o mesmo aspecto; novas constelações estão a brilhar. Olhem bem para esse espetáculo inédito, e não tardem um instante sequer a registrar suas linhas gerais; indiquem os traços mais expressivos, os volteios, o que possibilitará recuperar todos os detalhes quando tiverem disponibilidade para retomá-lo.

Cada pensador tem em sua experiência pessoal ocorrências de lucidez matinal por vezes surpreendentes, poder-se-ia dizer até milagrosas. Tratados completos vieram assim em plena luz após uma longa e penosa série de estudos intrincados em que o autor tinha a sensação de estar como que perdido num bosque sem clareiras nem perspectivas.

Invenções foram feitas assim. Elementos dispersos no espírito, experiências antigas ou conhecimentos aparentemente sem nenhum interesse tinham-se associado, e questões tinham-se resolvido, por si mesmas, pela classificação espontânea das imagens mentais que representavam a ideia de sua solução.

Depressa, ao bloco de anotações, quando uma felicidade desse naipe lhes couber. Vão em frente, enquanto a ideia continuar a vir; extraiam, não acrescentem nada de seu. Sem nenhuma intervenção perturbadora, com uma atenção entregue à natureza cujo trabalho é exatamente esse, puxem cuidadosamente a corrente que se formou, espalhem os elos, as correntinhas sobressalentes que estão penduradas nela, registrem as proporções, as dependências, sem nenhuma preocupação com o estilo – digo, com um estilo querido, pois bem pode ser que haja elementos de estilo preciosos que se desfraldem dessa maneira.

Quando a gaveta estiver vazia e a corrente de pensamentos novos parecer provir inteiramente dela, parem de escrever, mas não deixem, durante algum tempo, de manter o olhar fito em sua fortuna: pode ser que ela cresça ainda mais, que a corrente gere novos elos, que as correntinhas se multipliquem e se subdividam. Tudo isso é tão valioso, que não se deve perder uma parcela

sequer. É trabalho poupado para o dia. A noite, sua grande colaboradora, deu-lhes, sem o menor esforço de sua parte, uma jornada de vinte e quatro horas completas, talvez até de algumas semanas, as que seriam exigidas para bater por esforço voluntário a fastuosa joia que ela lhes forneceu.

No entanto, o cuidado de colher não é suficiente. O sono, que trabalha sozinho, trabalha com base em um material prévio; nada cria; habilidoso em combinar e em simplificar, em chegar a um resultado, não tem poderes para operar senão sobre os dados da experiência e a labuta do dia. Sua lide deve, pois, ser-lhe preparada. Contar com ele é primeiramente contar consigo mesmo.

Os monges têm o costume, tão antigo quanto a piedade, de depositar, findo o dia, tal qual uma semente, nos sulcos da noite, seu ponto para meditação; têm a esperança de, ao despertar, encontrar a semente já amolecida, impregnada da umidade da terra e quiçá germinada: ela crescerá mais prontamente sob o sol da reflexão e da graça.

Sem renunciar a essa prática, que bem mereceria generalizar-se entre os cristãos, podemos acrescentar-lhe a semeadura da noite pelo trabalho. A terra humana é rica: duas sementes brotarão lado a lado sem conflitos. Tragam até vocês, ao adormecer, confiem a Deus e à alma a questão que os preocupa, a ideia que demora a distender suas virtualidades, ou até se furta a isso. Não façam nenhum esforço que retarde o sono. Pelo contrário, tranquilizem-se com este pensamento: o universo trabalha por mim; o determinismo é o escravo da liberdade, e, enquanto eu descanso, ele girará a mó de seu moinho; eu posso diferir meu esforço: os céus giram, e enquanto giram fazem que se mova em meu cérebro o mecanismo delicado que eu talvez distorcesse; eu durmo, a natureza vela, Deus vela, e eu recolherei amanhã um pouco de seu trabalho.

Nessa calma disposição, vocês descontraem-se plenamente, mais do que o fariam na inquietação acerca de um amanhã sem nenhuma ajuda, sobretudo mais do que nesse retorno, tão frequente, à noite, dos problemas daquele dia, problemas que um estado de semiconsciência vem aumentar, que estragam a noite e que de manhã estarão aí para servir-lhes uma nova dose de sua poção amarga.

Assim como um trabalho ameno e regular harmoniza o dia, assim também o trabalho inconsciente da noite pode verter-lhe a paz e afastar suas divagações, suas insanidades esgotantes ou pecaminosas, os pesadelos. Conduzam bem mansamente uma criança pela mão: sua turbulência aquietar-se.

Não se está pois preconizando uma estafa por excesso de trabalho, uma confusão entre o dia e a noite. Não, é preciso dormir; um sono reparador é indispensável. Mas está-se dizendo a vocês que a noite, como noite, pode trabalhar por si mesma, que ela “é boa conselheira”; que o sono, como sono, é um artesão prestativo; que o repouso, como repouso, é também uma força. É efetivamente segundo sua natureza, e não por uma violência à sua própria constituição, que se quer empregar tais auxílios. O repouso não é uma morte; é uma vida, e toda vida tem seu fruto. Podendo colhê-lo pessoalmente, não deixem para os pássaros noturnos o fruto do sono.

III. O INÍCIO E O FIM DO DIA

Daí a extrema importância, para o trabalhador tanto quanto para o homem religioso, do início e do fim do dia. Não podemos preparar, vigiar, concluir com uma alma atenta as horas de repouso, se entregarmos ao acaso aquelas que as circundam.

A manhã é sagrada; pela manhã, a alma refrescada olha para a vida como se estivesse numa curva de onde ela lhe aparece por inteiro. O destino aí está; nossa tarefa é retomada; é o momento certo para avaliá-la uma vez mais e para confirmar, por um ato expresso, nossa tripla vocação de homens, de cristãos e de intelectuais.

“Filipe, lembra-te de que tu és um homem”: essas palavras do escravo macedônio a seu senhor nos são ditas em pleno dia quando ele evoca, causando forte impressão a nossos olhos, as luzes da alma; “um homem” digo eu, não de modo geral, mas qualificado para um caso preciso, um homem que aí está, diante de Deus, como um fato singular, sem igual, e, por pequeno que seja, o único apto a ocupar seu próprio lugar.

Esse homem não vai, então, ao sair das horas de inconsciência, renovado e por assim dizer renascido, considerar o conjunto de sua vida em um só lance de vista penetrante, assinalar o ponto a que chegou, traçar a jornada que se

inicia e pôr-se a caminho a passo firme, e com o espírito lúcido, para mais uma etapa?

Nisso resultará o esforço conjunto dos primeiros momentos do despertar, da oração matutina, da meditação, e sobretudo da missa, se houver a possibilidade de assistir a ela ou a felicidade de rezá-la.

O primeiro momento após o despertar deve ser um *Sursum corda!* Elevemos nossos corações! Enunciar uma fórmula cristã nessa ocasião é uma prática excelente; enunciá-la em voz alta é melhor; porque, e os psicólogos o sabem perfeitamente, nossa voz nos sugestiona e desempenha para nós o papel de *outro eu*. Aí está um “escravo” que não podemos menosprezar; ele tem autoridade por nossa ordem, ele somos nós, e sua voz ressoa com o estranho poder de domínio de quem é a um só tempo o mesmo e o outro.

Ensina-se às crianças a “dar seu coração a Deus”; o intelectual, que nesse aspecto é uma criança, deve por acréscimo dar seu coração à verdade, lembrar-se de que é seu servidor, repudiar seus inimigos dentro de si, amar, para que eles lhe retornem, seus inimigos de fora, e consentir nos esforços que a verdade, para esse dia, lhe pede.

Segue-se então a oração. O padre Gratry aconselha ao intelectual que diga a *Prima*, ou *Laudes*, que teria por equivalente, à noite, as *Completas*: nada há, de fato, mais belo, nada é mais eficaz, mais estimulante. As orações litúrgicas são em sua maioria obras-primas; têm a vastidão e a quietude do nascer e do pôr de um astro. Experimentem: não poderão dizer outra coisa a respeito. Toda a verdadeira vida aí está, toda a natureza, e o trabalho será preparado como se fosse uma viagem pela abertura de um janelão inundado de sol.

Qualquer que seja a escolha, a prece do intelectual deve enfatizar de passagem o que se refere especificamente à sua situação, tirar daí proveito tanto quanto possível e elaborar com isso o grande propósito que o trabalho cristão realiza. Ato de fé nas elevadas verdades que sustentam a ciência; ato de esperança no auxílio divino para a luz como para a virtude; ato de amor para com Aquele que é infinitamente amável e para com aqueles que nosso estudo quer aproximar d’Ele; *Pater*, o Pai-nosso, para pedir, com o pão, o alimento da inteligência; *Ave*, a Ave-Maria, dirigida à Mulher revestida do Sol, [24] vitoriosa contra o erro como contra o mal. Nessas fórmulas e em outras mais, o intelectual reencontra-se, mentaliza sua tarefa e, sem separar sua especialidade

da vida cristã em seu todo, pode beneficiar-se do que está previsto para ele e providencialmente depositado no tesouro comum.

A meditação é tão essencial para o pensador, que não se faz necessário retomar sua defesa. Pregamos já o *espírito de oração*: onde ele se nutriria melhor que nessas contemplações matinais, onde o espírito descontraído, ainda não reabsorvido pelos afazeres do dia, levado, erguido sobre a asa da prece, eleva-se facilmente às fontes do verdadeiro que o estudo capta penosamente?

Se se puder assistir à santa missa, se ela for rezada, as amplidões nela contidas não os arrebatarão? Então não verão, do alto do Calvário novamente erguido, do Cenáculo onde se renova a Ceia da despedida, a humanidade vir postar-se ao seu redor, essa humanidade com que não devem perder contato, essa vida que as palavras do Salvador iluminam, essa indigência que sua riqueza socorre e que vocês devem junto com ele socorrer, guiar, salvar por sua vez ao se salvarem a si mesmos?

A missa os põe verdadeiramente em estado de eternidade, em espírito de Igreja universal, e no *Ite missa est* – *Ide*, a missa acabou – estão prontos a ver uma *missão*, sendo seu zelo enviado para junto do despojamento da terra ignorante e desvairada.

A manhã impregnada de todo esse orvalho, refrescada e fortalecida por essas brisas espirituais, não pode deixar de ser fecunda; atirem-se a ela com fé; prossigam nela com coragem; o dia gastará as reservas de luz da aurora; o anoitecer virá antes do esgotamento das luminosidades, como o ano se encerra deixando nos celeiros a semeadura do ano seguinte.

As primeiras horas da noite! Como ordinariamente pouco sabemos santificá-las, apaziguá-las, prepará-las para o sono efetivamente reparador! Como são desperdiçadas e poluídas, como as conseguimos desnortear!

No que delas fazem os homens do prazer nem sequer vamos insistir: o caso deles é totalmente diverso do nosso. Mas vejam essas pessoas sérias que chamamos trabalhadores: homens de negócios, industriais, oficiais de justiça, atacadistas – falo deles globalmente. Quando é chegada a noite, eis que “se soltam” e já não querem saber de nada, liberando seu espírito para a dissipação que teoricamente distrai, jantando, fumando, jogando, conversando na maior

gritaria, circulando pelos teatros e pelas casas noturnas, bocejando no cinema e deitando-se "relaxados".

Com efeito, *relaxados*, é assim que ficam, mas da mesma maneira como o violino que estivesse com todas as cordas totalmente distendidas. Que trabalho, no dia seguinte, para afinar tudo de novo!

Conheço industriais que se descontraem lendo Pascal, Montaigne, Ronsard, Racine. Enfiados numa confortável poltrona, com uma boa iluminação projetada por trás, num ambiente aquecido, estando a família bem quieta ou produzindo sons muito brandamente à sua volta, eles põem-se a viver, depois de se terem fatigado. Esse momento é só deles; esse momento é o momento do homem, depois que o especialista se bateu, com a cabeça e o coração, contra dezenas de dificuldades.

Um intelectual, se não precisa dessa compensação, precisa muito mais ainda dessa calma. Seu serão deve ser um recolhimento; sua ceia, uma restauração equilibrada; seu jogo, a fácil ordenação do trabalho do dia e a preparação do trabalho do dia seguinte. São-lhe necessárias suas *Compleatas* – que tomo agora em sentido figurado –, que completam e que inauguram; pois todo complemento de um trabalho contínuo, como nós o requeremos, é um começo tanto quanto um término. Fecha-se unicamente para reabrir. O fim do dia é o órgão de ligação entre os fragmentos de cada jornada cuja somatória constitui uma vida. Pela manhã será preciso viver de imediato: devemos predispor-nos a isso desde a véspera, nas horas que se seguem ao anoitecer, e também preparar a noite que a seu modo vem soldar, sem nossa participação, umas às outras, as lides conscientes.

O que quer que pense a ilusão apaixonada e interessada daqueles que no homem se propõem a cultivar o lado boêmio, a vida de dissipação não é um repouso: é um esgotamento. O repouso não pode consistir na dispersão das forças. O repouso é uma retrogradação para longe do esforço, no sentido de suas fontes; é, pois, uma restauração, não um gasto tresloucado.

Bem sei que gastar significa às vezes adquirir: está-se então falando de esporte, de recreação, e saberemos certamente exigir, e não tolerar tão somente, essa descontração ativa. Mas não é essa a função normal do começo da noite. Nesse período noturno inicial há um duplo repouso: um espiritual, o outro físico; o repouso em Deus e o repouso na mãe natureza. Ora, o primeiro

é a prece que o propicia; quanto ao outro, o descanso do corpo, já que ele antecede o descanso mais completo da noite, cabe-lhe conduzir a este último.

Deve-se pôr em prática, nesse período anterior ao sono, os ritmos lentos cujo modelo é a respiração noturna. Deixar que em nós se exerçam os determinismos fáceis, que os hábitos tomem o lugar das iniciativas, que a rotina do dia a dia se substitua ao esforço da atividade intensa; em uma palavra, deixar de querer, de certa forma, para que a renúncia da noite se instaure: aí está a sabedoria. É a sabedoria reconhecer-se-á na estrutura dessa vida atenuada, dessa semiatividade que se aquieta. A família terá um papel que cumprir nesse processo; uma conversa tranquila selará a união das almas; trocar-se-ão as impressões do dia, os projetos arquitetados; confirmar-se-ão modos de ver, objetivos; encontrar-se-á reconforto para o declínio do dia; reinará a harmonia, e ter-se-á celebrado uma digna vigília para a festa que cada novo dia deve ser para o cristão.

A pessoa adormecida fica amiúde, sem o saber, na posição que teve outrora no ventre materno. É um símbolo. O repouso retorna às origens: origens da vida, origens da força, origens da inspiração; ele revitaliza-se; o recolher-se em si mesmo geral do cair da noite tem essa significação. Ora, revitalizar-se não pode ser agitar-se; é como refugiar-se, fornecer à seiva humana, por sua concentração pacífica, um revigoramento; é restaurar em nós a vida orgânica e a vida sagrada por uma feliz descontração, pela oração, o silêncio e o sono.

IV. OS INSTANTES DE PLENITUDE

Chegamos aqui ao que já não é preparação, prolongamento, pausa utilitária, repouso em ordem ao trabalho, mas trabalho propriamente dito e tempo dedicado à concentração estudiosa, ao pleno esforço. Por isso chamaremos esses picos de nossa vida intelectual considerada pelo aspecto de sua duração: os instantes de plenitude.

A maior parte desta pequena obra não tem outro fim que tratar o emprego desse tempo; assim, não pode tratar-se aqui senão de distribuí-lo nele mesmo, de centrá-lo, de preservá-lo, de resguardar a "cela interior" contra a invasão que a ameaça.

Tendo os momentos de nossa vida valores muito desiguais e obedecendo a partilha desses valores para cada um a leis diferentes, não se pode dar uma regra absoluta; mas deve-se insistir nisto. Se vocês estudam, tenham respeito pelo que é sua vida, pelo que ela lhes permite, pelo que ela favorece ou proíbe, pelo que ela lhes propõe por si mesma para as horas de fervor produtivo.

Estas terão lugar de manhã, no início da noite, em parte da manhã e em parte da noite? Cabe unicamente a vocês decidir, pois só vocês conhecem suas obrigações e sua natureza, das quais depende a estrutura imposta a suas jornadas.

Se dispõem de apenas umas poucas horas e podem distribuí-las livremente, parece que a manhã deve merecer a preferência. A noite restituiu-lhes as forças; a oração deu-lhes asas; a paz reina ao seu redor, e o enxame das distrações ainda não começou a zumbir. Mas para alguns podem surgir contraindicações. Se o sono for penoso, pode ocorrer que a manhã se mostre ansiosa e entorpecida. Ou então falta a solidão; fica-se então à espera das horas de isolamento.

Seja como for, uma vez feita a escolha, será indispensável que disponibilizem os instantes que privilegiaram e se disponibilizem a si próprio para seu aproveitamento integral. Tudo deverá ser previsto para que nada venha atrapalhar, dissipar, reduzir ou enfraquecer essa preciosa duração. Querendo para ela a plenitude, excluam as preparações a longo prazo; tomem todas as medidas cabíveis; saibam o que querem fazer e como; reúnam seus materiais, suas anotações, seus livros; evitem ter de desconcentrar-se por ninharias.

Além disso, para que esse tempo fique reservado e esteja realmente livre, tenham regularidade no horário e presteza no ato de levantar-se, além de uma alimentação leve; fujam das conversas vazias, das visitas inúteis; limitem a correspondência ao estritamente necessário; amordacem os jornais. Essas prescrições, que apresentamos como salvaguarda de toda vida de estudo, se aplicam sobretudo ao que constitui seu ponto central.

Estando assim tudo organizado, tudo previsto, logo estarão prontos para o trabalho; poderão empenhar-se a fundo, absorver-se e tocar adiante seu intento; sua atenção não sofrerá distrações, seu esforço não ficará fragmentado. Fugam acima de tudo do trabalho feito pela metade. Não imitem

aqueles que permanecem por longo tempo à escrivaninha com uma concentração relapsa. Mais vale restringir o tempo e intensificar seu emprego, ampliar seu valor, que é o que de fato conta.

Façam alguma coisa ou então não façam nada. O que decidirem fazer, façam-no fervorosamente, com potência máxima, e que o conjunto de sua atividade seja uma sequência de retomadas com força total. O trabalho pela metade, que é um descanso pela metade, não beneficia o descanso nem o estudo.

Apelem então para a inspiração. Se a deusa nem sempre atende, ela nunca porém deixa de sensibilizar-se por esforços sinceros. Não se trata de ficarem excessivamente tensos, mas de se situarem, de mirarem o alvo e de limparem o campo visual, como um atirador, de tudo quanto não seja o ponto de mira. Renovem o "espírito de oração"; estejam em estado de eternidade, com o coração submisso ao verdadeiro, o espírito sob as grandes leis, a imaginação estendida como uma asa, seu ser inteiro sentindo acima de si, mesmo durante o dia que elas não desertam, as estrelas silenciosas. Sob seus pés, muito abaixo, estarão os rumores da vida, e vocês já nem os perceberão: ouvirão tão somente o canto das esferas, que no sonho de Cipião simbolizam a harmonia das forças criadoras.

Abrir-se assim à verdade, abstrair-se de todo o restante, e, por assim dizer, comprar uma passagem para outro mundo, aí está o verdadeiro trabalho. É deste que falamos quando dizemos que duas horas por dia bastam para uma obra. Obviamente, é pouco, mas estando preenchidas todas as condições, em verdade, isto basta e vale mais que as pretensas quinze horas cujos ecos ficam abafados por tantos fanfarrões que vivem a vangloriar-se.

Certos carrascos do trabalho atingiram de fato cifras fabulosas; seu caso é o que se pode chamar de feliz monstruosidade, a não ser que se trate de uma ruínosa demência. Os trabalhadores normais avaliam que um período de duas a seis horas é o ideal para um trabalho duradouro e realmente fértil. A questão mais importante não se situa aí: situa-se no emprego, situa-se no espírito.

Quem conhece o valor do tempo sempre dispõe do suficiente; não podendo alongá-lo, ele o alça, e antes de tudo não o encurta. O tempo tem uma espessura, como o ouro; mais vale uma medalha forte, bem cunhada e de contorno definido do que a lâmina adelgada pelo malho do batedor. Malho,

malhador: a associação dos termos está aqui justificada. Muitos vivem de aparências, de caprichos improdutivos, de falatórios sem fim e de nenhum trabalho.

É preciso assinalar que uma sessão de trabalho profundo não consegue ser mais uniforme do que a vida intelectual em seu todo. Ela tem proporcionalmente as mesmas fases; vai adquirindo treino, paulatinamente, por vezes penosamente; dá o máximo de si, e depois se fatiga. É um ciclo completo, com sua manhã de frescor, seu meio-dia ardente, seu anoitecer em declínio. É preciso ser o Josué deste fim de dia para que a batalha, sempre curta demais, possa prosseguir.

Teremos de voltar às condições desta claridade protegida; assinalarei agora uma só entre elas: defender sua solidão com uma aspereza que não respeita mais nada. Se vocês têm deveres, deem-lhes no devido tempo o que lhes cabe; se têm amigos, combinem encontros oportunos; se pessoas inconvenientes quiserem impor-se, fechem-lhes cortesmente sua porta.

É urgente, durante as horas sagradas, não só que não sejam interrompidos, senão que saibam como proceder para não ter de sê-lo; que uma segurança absoluta os defenda desse lado para permitir-lhe uma tensão proveitosa. Um luxo de precauções rigorosas nunca será excessivo. Que Cérbero esteja postado à sua porta. Toda exigência de fora é atendida com o que está lá dentro e pode custar a seu espírito a perda de valiosos encontros. "Quando os semideuses se vão, chegam os deuses." [25]

Tomem nota somente de que essa solidão completa, único meio favorável ao trabalho, não deve ser encarada materialmente. Uma presença pode redobrar, em vez de dissipar, sua quietude. Tenham por perto um trabalhador igualmente fervoroso, um amigo absorto em algum pensamento ou em alguma ocupação harmoniosa, uma alma de alto nível que compreenda sua obra, se una a ela, apoie seu esforço com um afeto silencioso e um ardor que o seu acendeu: já não se trata de distração, mas de ajuda.

Em certos dias, nas bibliotecas públicas, sentimos o recolhimento penetrar-nos e envolver-nos por todos os lados como uma atmosfera. Uma impressão religiosa subjuga-nos; não ousaríamos divertir-nos, isso seria decair. Quanto mais houver à nossa volta desses adoradores que prestam ao verdadeiro um culto em espírito e em verdade, quanto mais estivermos

sozinhos, diante tão somente do verdadeiro, mais a contemplação nos é simples e deleitável.

Um jovem casal, em cujo lar, no escritório do esposo, se vê a mesa ou o cesto de trabalhos manuais da esposa, onde o amor sabe planar e manter silêncio, deixando suas asas flutuar ao sabor do vento dos sonhos nobres e da inspiração, é ainda uma imagem do trabalho. Na unidade da vida tal qual um casamento cristão inaugura, há lugar para a unidade do pensamento e de seu recolhimento necessário. Quanto mais as almas gêmeas estiverem juntas, melhor se defenderão do exterior.

Como quer que seja, uma vez que esteja bem compreendida e bem preparada, a solidão deve ser defendida com obstinação. Não se deve dar ouvidos a ninguém, nem aos amigos indiscretos, nem aos familiares inconscientes, nem aos passantes, nem sequer à caridade. Não se pode ter caridade por tudo ao mesmo tempo. Vocês pertencem à verdade: a ela seu culto. Fora dos casos que não se discutem, nada deve prevalecer sobre a vocação.

O tempo de um pensador, quando ele o emprega verdadeiramente, é, analisando corretamente, uma caridade universal; só podemos apreciá-lo dessa maneira. O homem do verdadeiro pertence ao gênero humano com o verdadeiro mesmo: nenhum egoísmo que temer, quando para esse sublime e universal benfeitor dos homens nos isolamos zelosamente.

Saibam aliás fazer-se absolver afetuosamente por aqueles que vocês abandonam e por vezes assim os magoam. Comprem a solidão; paguem suas liberdades esbanjando demonstrações de delicadeza e préstimos afáveis. É preferível que seu retiro seja mais proveitoso a todos que sua presença ativa. Em todo caso, que esta seja para os outros no mínimo onerosa. Quidem a dívida, e que sua independência relativa tenha por contrapeso sua independência absoluta quando reaparecerem os deveres.